

**INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA
GABRIEL HENRIQUE DA CRUZ**

**A BUSCA PELA FELICIDADE EM AGOSTINHO:
E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CONTEMPORANEIDADE**

**PONTA GROSSA
2020**

GABRIEL HENRIQUE DA CRUZ

**A BUSCA PELA FELICIDADE EM AGOSTINHO:
E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de conclusão de curso elaborado como requisito a obtenção do título de Licenciado em Filosofia na Instituição de Ensino Superior Sant'Ana.

Orientadora: Prof^a. Dra. Neuza de Fátima Brandellero

PONTA GROSSA

2020

GABRIEL HENRIQUE DA CRUZ

**A BUSCA PELA FELICIDADE EM AGOSTINHO:
E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Licenciatura em Filosofia da Instituição de Ensino Superior Sant'Ana apresentado como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Filosofia. Aprovado no dia 23 de novembro de 2020 pela banca composta por Prof^a. Dra. Neuza de Fátima Brandellero (Orientadora), Prof. Dr. Donizeti Pessi e Prof^a. Ma. Lília Schainiuka Heil.

LUCIO MAURO BRAGA MACHADO

Coordenador do Núcleo de TCC

Digitally signed by LUCIO MAURO
BRAGA MACHADO:95753168949
Date: 2020.11.23 08:59:13 -03:00
Reason: Trabalho de Conclusão
de Curso
Location: Ponta Grossa

Dedico este trabalho à minha família, Nilton César,
Ana Cláudia e Giovani Cruz e à minha
comunidade da Copiosa Redenção.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ser a Verdade que em toda a minha vida desejei encontrar.

Agradeço de forma especial a minha família, Nilton César, Ana Cláudia e Giovani Cruz que sempre me incentivaram a buscar Deus, sempre com muito amor e carinho.

Agradeço ao Padre Wilton, CSsR, pelo seu sim a vontade de Deus, que através disso me proporcionou todo sentido á vida e a viver, seguindo Cristo, o Carisma da Copiosa Redenção, principalmente através da Adoração ao Santíssimo Sacramento.

Agradeço de forma particular á minha comunidade que me proporciona, através do amor a Jesus, viver a vida feliz.

Agradeço de forma carinhosa aos formadores da Copiosa Redenção: Padre Valdecir Zanata, CR, e Padre Luis Cesar, CR, e minha orientadora vocacional Irmã Tânia, CR, por sempre me ajudarem a amadurecer aquilo que Deus colocou e coloca em meu coração.

Aos professores e colaboradores da Instituição de Ensino Superior Sant'Ana, por todo empenho para transmitir um conhecimento filosófico durante este curso de licenciatura.

À professora Dra. Neuza de Fátima Brandellero por ter auxiliado e orientado na construção de todo o trabalho, sempre com muita dedicação e disponibilidade.

Agradeço ao Irmão Bergson Villalba, CR, e Irmão Vinicius Sotocorno, CR, pela colaboração para melhorias deste trabalho.

Ao professor Reinaldo Milek por ter ajudado na construção do Abstract.

Agradeço aos colegas de turma, em especial meus irmãos de comunidade, por todos os momentos compartilhados durante esses três anos.

E, por fim, a todos aqueles que passaram pela minha vida sendo a face que Deus queria me mostrar d'Ele: MUITO OBRIGADO.

“Queridos irmãos e irmãs, gostaria de dizer a todos, também a quem se encontra num momento de dificuldade no seu caminho de fé, a quem participa pouco da vida da Igreja ou a quem vive ‘como se Deus não existisse’, que não tenhais medo da Verdade, nunca interrompais o caminho para ela, nunca cesseis de procurar a verdade profunda sobre vós próprios e sobre as coisas com os olhos do coração. Deus não deixará de doar Luz para fazer ver e Calor para fazer sentir ao coração que nos ama e que deseja ser amado.”

(PAPA BENTO XVI)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a busca pela felicidade inerente a todo o homem, nas obras de Agostinho de Hipona (354-430). A pesquisa se estrutura a partir das obras: *Confissões* (397-400), *A Trindade* (400-416), *A Vida Feliz* (386) e *A Cidade de Deus* (413-426), assim como algumas reflexões de Bento XVI (1927-) e João Paulo II (1920-2005) acerca da contemporaneidade e a verdade. Para tanto, o primeiro capítulo apresenta a vida de Agostinho, que influenciou seu pensamento sobre a felicidade; o segundo analisa a obra *A Vida Feliz*, para que se possa compreender que o desejo de todo ser humano é possuir a felicidade; o terceiro compreender, através da obra *A Cidade de Deus* e do pensador Bento XVI, a realidade inerente de todo homem construído nas cidades terrena e celeste, e a reflexão da verdade de João Paulo II, contemporâneo, que vêm ao encontro com a verdade refletida por Agostinho, medieval. Conclui-se acerca desse trabalho que todo homem será portador de uma alma eterna, que sempre desejará o eterno, mas, muitas vezes, não compreenderá como saciar esse desejo da alma, deparando-se com suas limitações. Sendo assim, o desejo pela verdade se encontra em si e será o caminho para a felicidade, vivendo bem através da sabedoria, sem excessos, não mais segundo suas paixões e vícios. Desta forma, a sabedoria é uma virtude, que se encontra na natureza da alma, e para se chegar a essa virtude é necessário contemplar a verdade que, para Agostinho, é Cristo.

Palavras-chave: Vida Feliz. Sabedoria. Verdade. Felicidade. Santo Agostinho.

ABSTRACT

This text concerns the search for happiness that is inherent to every man, in according to the works of Augustine of Hippo (354-430). The research structure is based on the works: "*Confessions*" (397-400), "*The Trinity*" (400-416), "*On the Happy Life*" (386) and we also deal with "*The City of God*" (413-426), as well as some reflections of Benedict XVI (1927-) and John Paul II (1920-2005) about of contemporaneity and the truth. For this purpose, the first chapter presents the Augustine`s Life and his influence on happiness. The second chapter analyzes the work "On the Happy Life", so that one could understand that the desire of every being human is to possess happiness. The third chapter seeks to understand, through the work "*The City of God*" and the thinker Benedict XVI, the inherent reality of every man who is built in the earthly and heavenly cities, and also the reflection of the truth of John Paul II (contemporary author), that agrees with the truth reflected by Augustine (a medieval philosopher). The research concludes that every man will be the bearer of an eternal soul, who will always desire the eternal. However, from time to time, the man will not understand how to satisfy this soul's desire, facing his own limitations. Therefore, the desire for truth lies in itself and it will be the path to happiness. The man will seek a good life through wisdom and he will no longer live under his passions and his vices, thereby avoiding excesses. Thus, the wisdom is a virtue, which can be found in the nature of the soul. To achieve this virtue, it will be necessary to contemplate the truth. For Augustine, the truth is Christ Himself.

Keywords: Happy Life. Wisdom. Truth. Happiness. Saint Augustine.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AGOSTINHO DE HIPONA: CAMINHADA EM BUSCA DA FELICIDADE	12
2.1 <i>Confissões</i>	13
2.1.1 A busca pela felicidade na vida de Agostinho	13
2.1.2 No serviço de Deus até o fim	17
2.1.3 A busca pela felicidade na obra <i>Confissões</i>	18
2.2 <i>A Trindade</i>.....	21
2.2.1 A busca pela felicidade na obra <i>A Trindade</i>	21
2.3 Inquietação interior	24
3 A VIDA FELIZ: DIÁLOGO FILOSÓFICO.....	26
3.1 Todo homem busca a felicidade	26
3.2 Alegoria da navegação	27
3.3 Primeiro dia: o problema da felicidade.....	29
3.3.1 O alimento da alma.....	30
3.3.2 Somos felizes por possuímos o que queremos?	31
3.3.3 Só quem possui a Deus é feliz	32
3.3.4 Quem possui a Deus?	33
3.4 Segundo dia: a posse de Deus como condição para a felicidade	34
3.4.1 É feliz aquele a quem Deus está presente como amigo	34
3.4.2 A benevolência de Deus traz a felicidade	35
3.4.3 Consiste a infelicidade na carência	38
3.5 Terceiro dia: a felicidade é plenitude espiritual.....	38
3.5.1 Conceitos estoicos sobre a sabedoria da vida.....	40
3.5.2 Basta o gozo dos bens temporais para ser feliz?	40
3.5.3 A maior carência: a falta de sabedoria	41
3.5.4 A verdadeira sabedoria é a Sabedoria de Deus.....	43
3.5.5 A verdadeira felicidade é a comunhão com a Trindade.....	44
3.5.6 Término do diálogo	45
3.6 A Verdade.....	46
4 AGOSTINHO AOS HOMENS CONTEMPORÂNEOS	47
4.1 <i>A Cidade de Deus</i>	47
4.1.1 As duas cidades: Terrena e Celeste	51

4.1.2 A busca pela felicidade na obra <i>A Cidade de Deus</i>	53
4.2 A verdade sob a luz da fé e da razão	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS.....	65

1 INTRODUÇÃO

A busca pela felicidade foi abordada e pensada por diversos filósofos e pensadores, despertando ao longo da história distintos níveis de pensamentos e abordagens, originando-se assim, diversas concepções e teorias acerca da busca pela felicidade. O presente trabalho pretende, como objetivo geral, expor filosoficamente o tema da busca pela felicidade inerente a todo homem, nas obras de Agostinho de Hipona. Sem dúvida, escrever qualquer reflexão sobre a felicidade e vida feliz é um desafio, pois envolve a interioridade de toda pessoa.

A partir desse contexto, almeja-se estabelecer uma reflexão que responda a seguinte problemática: como é possível buscar a felicidade, mesmo o homem se deparando com suas limitações e escolhendo, muitas vezes, pelos seus vícios e paixões. Desta forma, tem-se como objetivos específicos: apresentar a vida de Agostinho, que influenciou seu pensamento; analisar a obra *A Vida Feliz*, para compreender que o desejo de todo ser humano é possuir a felicidade; e, compreender, através da obra *A Cidade de Deus*, a contemporaneidade de Agostinho e a realidade inerente de todo homem construído nas cidades terrena e celeste. Para tanto, propõe-se com esta pesquisa a felicidade no pensamento do filósofo e teólogo Agostinho de Hipona (354-430). Sendo este trabalho de abordagem qualitativa e caráter bibliográfico.

O primeiro capítulo apresenta a vida de Agostinho, para que assim, possa-se entender a busca pela verdade, vivida por Agostinho e também por todo homem. Qual verdade? Compreende, também, seu pensamento sobre a felicidade, tendo presente a reflexão sobre a memória. Faz-se indispensável apresentar o conceito de querer e desejo, assim como é extremamente necessária a fé para percorrer este caminho. Para ajudar neste percurso apresentam-se as obras escritas por Agostinho: *Confissões* (397-400) e *A Trindade* (400-416).

O segundo capítulo analisa o diálogo filosófico na obra, de Agostinho, *A Vida Feliz* (386), com o intuito de apresentar a vida feliz na vida do ser humano, expondo algumas perguntas e afirmações feitas por Agostinho aos participantes do diálogo: Todo homem busca a felicidade! Somos felizes por possuímos o que queremos? Só quem possui a Deus é feliz? Quem possui a Deus? É feliz aquele a quem Deus está presente como amigo? A benevolência de Deus traz a felicidade! Consiste a infelicidade na carência? Basta o gozo dos bens temporais para ser feliz? A maior

carência: a falta de sabedoria! Perceber-se que a felicidade já habita no homem de alguma forma. Qual forma? E quando se deparar com a ausência em seu interior começará a buscar a verdade, encontrando assim, a resposta para a felicidade.

O terceiro capítulo apresenta a obra *A Cidade de Deus* e o pensador Bento XVI¹ (1927-) para que se possa perceber a busca pela felicidade inerente a todo homem e a construção das cidades terrena e celeste. Também, faz-se indispensável o pensamento de João Paulo II² (1920-2005) para que se possa compreender sua reflexão da verdade sob a luz da fé e da razão.

Compreendeu-se o ser humano com muitas dificuldades em encontrar a felicidade que sacie seu desejo interior. Encontrá-la só será possível vivendo sem excessos e buscando a cidade celeste. Com o livre arbítrio o homem buscará, muitas vezes, a felicidade se baseando em seus vícios e paixões, pensando que encontrou a “felicidade”, mas não, pois a depositou em coisas passageiras, que quando passarem, sua felicidade passará junta.

Deseja-se ao leitor desde trabalho desfrutar deste pensamento agostiniano sobre a felicidade, para assim perceber, não somente nesta monografia, mas em sua vida, a importância da felicidade enraizada nas coisas imutáveis, e não nas mutáveis, para assim, encontrar a verdade que conduz para felicidade na vida do homem, que se elucida em todo este trabalho.

¹ Bento XVI (1927-), ou filósofo e pensador Joseph Aloisius Ratzinger, é Papa emérito e Romano Pontífice emérito da Igreja Católica. Foi papa da Igreja Católica em 2005 até 2013.

² João Paulo II (1920-2005), ou filósofo e pensador Karol Józef Wojtyła, foi o Papa da Igreja Católica de 1978 à 2005.

2 AGOSTINHO DE HIPONA: CAMINHADA EM BUSCA DA FELICIDADE

O caminho que Agostinho percorreu para alcançar a felicidade partiu de um grande vazio que ele se deparou interiormente, que o motivou a buscá-la incansavelmente.

Perceber-se-á no capítulo presente, uma busca insaciável de Agostinho para contemplar a verdade e seus pensamentos sobre a felicidade. Portanto, cada momento de sua história tem grande relevância para seu pensamento construído sobre a felicidade.

Esta felicidade é simples de ser encontrada? Em que caminho se busca a felicidade? A vida de Agostinho é baseada em uma busca incansável pela verdade, demorando muito tempo até encontrá-la. Não existe uma bula que diga como encontrar a verdade, mas é um caminho de dor e sofrimento que o homem percorre até reencontrá-la, quando a reencontra preenche-o por completo, por que todos desejam a felicidade:

[...] Pergunto se todos se preferem gozar da verdade ou da falsidade. E todos com firme resolução dizem preferir a verdade, como também afirmam querer ser felizes. Felicidade é gozo da verdade, o que significa gozar de Ti, que és a Verdade. (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 292).

Percebe-se, que para Agostinho todos os homens anseiam pela felicidade, não qualquer felicidade, mas a verdadeira felicidade. Quando a encontra, o ser humano se volta para aquilo que realmente é, e não mais, para aquilo que ilusoriamente é moldado por suas paixões e vícios³.

Agostinho ao longo de sua história escreveu várias obras, algumas delas sobre o tema da felicidade. Ver-se-á a seguir duas destas obras que ajudarão na construção deste capítulo: *Confissões* (397-400), escrita aproximadamente dez anos após sua conversão, e *A Trindade* (400-416), escrita aproximadamente vinte anos após sua conversão. Nos anos que se passaram, entre um escrito e outro, houve, por parte de Agostinho, um amadurecimento acerca do tema felicidade, principalmente com a influência do cristianismo em seu pensamento na obra *A Trindade*.

³ Paixões e vícios aparecem aqui para refletir o querer do homem que lhe afasta da felicidade.

2.1 *Confissões*

Nesta obra Agostinho retratou sua autobiografia, escrita de forma poética e dirigida a Deus. *Confissões*⁴ apresenta treze livros, os nove primeiros retratam a vida de Agostinho e toda sua busca por Deus, os três últimos apresentam sua reflexão sobre a Sagrada Escritura, em especial o livro do Gênesis.

Nesta obra está escrito uma das falas de Agostinho conhecida por muitos:

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu com a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz. (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 295).

Este trecho explica o caminho percorrido por Agostinho em suas *Confissões*. Desta forma, Bento XVI (2008d, p. 2) diz: “*Confissões* indica, em primeiro lugar a confissão das próprias debilidades, da miséria dos pecados; mas, ao mesmo tempo, *Confissões* significa louvor a Deus, reconhecimento a Deus.” Perante suas limitações, paixões e vícios, Agostinho, escreve suas confissões.

2.1.1 A busca pela felicidade na vida de Agostinho

Em 13 de novembro de 354, em Tagaste, na África, nasceu Aurelius Augustinus, conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, como é chamado pela Igreja Católica.

Agostinho sempre procurou a verdade que conduz para a felicidade, sendo no campo filosófico que as encontrou, assimilando a razão com a fé. Sendo para Platão, possível ter um conhecimento daquilo que se reconhece com a razão. (GAARDER, 1995). Para Agostinho, não existe limites para a razão quando se fala

⁴ “[...] *Confissões*, uma obra que é ao mesmo tempo autobiografia, filosofia, teologia, mística e poesia, em que homens sedentos de verdade e conscientes de seus próprios limites, tem se encontrado e seguem encontrando a si mesmos. Já em seu tempo, o autor a considerava como uma de suas obras mais conhecidas. ‘Qual de minhas obras’, escreve até o final de sua vida, ‘pude alcançar uma mais ampla notoriedade e resultar mais agradável que os livros de minhas *Confissões*?’. A história não desmentiu nunca este juízo; ao contrário, não a feito mais que confirmá-lo amplamente.” (JOÃO PAULO II, 1986, p. 2).

da verdade da fé, para chegar a esta verdade só se é possível através da própria fé. (GAARDER, 1995).

Em suas obras, Agostinho defende a verdade, na qual o homem encontra a quietude em seu coração, como ele diz: “Eu buscava um meio que me desse forças para gozar de ti, mas não o encontraria, enquanto não aderisse ‘ao mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus.’” (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 192).

Agostinho sempre demonstrou uma inteligência admirável, em 365, com 11 anos foi enviado para Madura para estudar Letras. Neste tempo que passou por Madura continuou crescendo intelectualmente nos estudos, sendo mais tarde transferido para Cartago.

Com 16 anos, já na fase da adolescência, começava a apresentar algumas paixões, principalmente a concupiscência⁵. Essa busca incansável pelas paixões era também uma busca para encontrar aquilo que o pudesse preencher interiormente.

Em 373, com 19 anos, foi estudar na escola de Demócrito e nesta escola acabou se deparando com os escritos de Cícero, conhecendo, assim, sua obra *Hortênsio*⁶: “O livro é uma exortação à filosofia e chama-se *Hortênsio*. Devo dizer que ele mudou os meus sentimentos e o modo de me dirigir a Ti, ele transformou as minhas aspirações.” (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 66).

Como se percebe, *Hortênsio* marcou sua vida fazendo-o mergulhar na filosofia, como afirma Sesé (1997, p. 23): “Uma paixão nele se desperta, que vai dominar toda a sua vida: a paixão pela verdade. A filosofia é, por definição, a disciplina por excelência”. Assim, começou sua busca pela verdade por meio da filosofia.

A obra *Hortênsio* chamou a atenção de Agostinho, principalmente pela imortalidade da alma: “[...] o livro exerceu sobre Agostinho influência benéfica [...] para assuntos tão sérios e que de tão perto tocam a essência e destino do homem como a imortalidade da alma.” (SANTO AGOSTINHO, 1996b, p. 21). Porém, Agostinho relatou que *Hortênsio* não o conquistaria, pois não possuía o nome da verdade:

Mas no meio de tanto fervor, havia uma circunstância que me mortificava: a ausência de Cristo no livro [...] Qualquer escrito que se apresentasse a mim

⁵ Pode ser interpretado como libertinagem, luxúria, erotismo.

⁶ Esses escritos foram perdidos ao longo da história. (COSTA, 1999).

sem esse nome, por mais literário, burilado e verdadeiro que fosse, não conseguia conquistar-me totalmente. (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 67).

Cristo era visto por alguns como um grande mestre que ensinava a verdade, e Agostinho, que ansiava pela verdade, buscou nas Sagradas Escrituras a verdade. Mas, a fraca tradução da bíblia na época leva Agostinho a abandonar estes escritos.

Com 19 anos foi atraído pelo maniqueísmo⁷, mas logo se deparou com uma falsa verdade:

Repetiam: 'Verdade, verdade!' E me falavam muito dela, mas não a possuíam; pelo contrário, ensinavam falsidade, não só a Teu respeito, que és a verdade, mas também sobre a existência do mundo, criatura tua. (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 68).

Então, abandonou a seita maniqueísta por não encontrar a verdade que tanto buscava e logo após seu afastamento do maniqueísmo partiu para Roma para ensinar retórica.

Em 384, Agostinho passou em um concurso para retórica na cátedra de Milão⁸, e com 30 anos de idade, parte para esta cidade sendo recebido por grandes autoridades, tanto imperiais como intelectuais. (COSTA, 1999). Mesmo diante de tanto reconhecimento por sua inteligência algo lhe faltava, devida à falta da felicidade que ansiava encontrar.

Agostinho pensou encontrar a felicidade nas vozes que lhe diziam que seria possível por meio do prestígio, da carreira, na posse das coisas, porém, nunca desanimou, soube olhar para seu interior e apercebeu-se, que a Verdade que ansiava encontrar era mais íntima dele do que ele mesmo. (BENTO XVI, 2010).

Chegando a Milão, foi atraído pelo bispo daquela cidade, Ambrósio ou Santo Ambrósio, possuidor de uma fama devido a sua grande oratória, então Agostinho começa a frequentar seus sermões, e logo foi envolvido por respostas que o preenchia, como mesmo diz:

Assim cheguei a Milão, encontrei o bispo Ambrósio, conhecido no mundo inteiro como um dos melhores, e teu servidor. [...] Tu me conduzas a ele

⁷ A doutrina maniqueísta era abraçar a fé por meio da razão, buscando explicações racionais do mundo, principalmente sobre o bem e o mal. (COSTA, 1999).

⁸ Em Milão a filosofia grega ganhava cada vez mais seguidores, sendo o pensamento platônico o mais seguido, com o neoplatonismo. Nesta mesma cidade havia um bispo chamado Ambrósio que fazia grandes sermões revestidos do neoplatonismo. (COSTA, 1999).

sem que eu soubesse, para que eu fosse por ele conduzido conscientemente a ti. (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 133).

Agostinho, através das pregações de Ambrósio, conseguiu vencer o pensamento maniqueísta e acabou conciliando o pensamento neoplatônico com a vida cristã.⁹

No neoplatonismo encontrou pensamentos que respondiam suas indagações, porém, encontrou algo que o incomodava, a falta do nome de Cristo no pensamento de Platão (427-347 a.C), pois para os neoplatônicos Cristo não é necessário (BRANDELLERO, 2006). Se Cristo, nome da verdade, não é necessário, logo, não se chega à verdade sem este nome.

A verdade que sempre buscou havia encontrado, mas ainda faltava uma coisa, a mais difícil, os prazeres carnavais que tanto o assustavam fazendo-o afastar da verdade, como Agostinho diz:

Sentia-me ainda preso ao passado, e por isso gritava desesperadamente: 'Porque quanto tempo, por quanto tempo direi ainda: amanhã, amanhã? Por que não agora? Porque não pôr fim agora à minha indignidade?' (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 226).

No jardim de sua residência, repetindo várias vezes estas mesmas palavras, Agostinho acabou fazendo uma experiência que mudou sua vida, como ele mesmo afirma:

Eis que, de repente, ouço uma voz vinda da casa vizinha. Parecia de um menino ou menina repetindo continuamente uma canção: "Toma e lê, toma e lê". Mudei de semblante e comecei a procurar. (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 226).

Interpretado por Agostinho como a voz do divino que dizia para ele abrir as Sagradas Escrituras. Então, pegando-as e abrindo os olhos viu o primeiro versículo, que é do trecho da carta de São Paulo aos Romanos:

Não em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e libertinagem, nem rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne. (Rm 13,13s apud SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 227).

⁹ "Entre os séculos II e V, essa doutrina filosófica, onde a filosofia de Platão misturava-se amplamente a partir de Alexandria [...] a Filosofia, a verdade racionalmente estabelecida, uma filosofia que, retocada aqui e ali ou transposta, revelava-se capaz de ajudar a fé cristã a tomar consciência de sua estrutura interna e a elaborar-se como teologia." (SESÉ, 1997, p. 64).

Terminada a leitura, algo aparecia acontecer dentro de Agostinho, suas mortes interiores ganhavam vida e seu vazio começou a se completar e, finalmente seu coração foi sendo tomado por uma grande liberdade interior provinda da verdade proferida por Cristo através de São Paulo Apóstolo. (BRANDELLERO, 2006). Como afirma Agostinho (2001, p. 213): “Esta é a nossa liberdade: submeter-nos a esta Verdade. E este mesmo é nosso Deus que nos liberta da morte, isto é, da condição de pecado.”

A conversão de Agostinho foi condicionada pela necessidade de encontrar a verdade, com esta busca incansável os homens de hoje podem se espelhar, porque muitos se encontram desorientados e perdidos frente aos seus limites e escolhas, problemas próprios da vida. (JOÃO PAULO II, 1986).

Com esta experiência vivenciada em sua residência, Agostinho desistiu das aulas de retórica e começou a seguir no serviço de Deus na Igreja.

Agostinho, junto com seus amigos, embarcou em um “retiro espiritual” em Cassiciaco com o objetivo de dialogar sobre as Sagradas Escrituras. Neste retiro nasceram suas primeiras obras, em especial, *A Vida Feliz* (386). (COSTA, 1999).

Pode-se afirmar que esse retiro foi de grande importância para que pudesse desenvolver seus primeiros escritos sobre a felicidade, trazendo para o centro a pessoa de Cristo, como o Supremo Bem.

2.1.2 No serviço de Deus até o fim

Anos mais tarde com a morte de sua mãe, que o havia influenciado em seu pensamento cristão, Agostinho foi ordenado Sacerdote, em 391, e Bispo, em 395, não por desejo próprio, mas sim por perceber a necessidade das pessoas que o aclamavam pedindo por sua ordenação. (COSTA, 1999).

Ao longo de seu serviço exerceu ativamente suas atividades ministeriais e escritas: dogmáticos, morais, exegéticos e muitos outros.

Com o passar dos anos, sabendo de sua saúde precária, pede para sua comunidade, em especial para o presbítero responsável pela biblioteca, para preservar seus escritos, pois eles ajudariam futuramente as pessoas. (COSTA,

1999). Deixava então sua sabedoria como herança para a Igreja e para o mundo da filosofia.¹⁰

Em 28 de Agosto de 430, em Hipona, Agostinho faleceu. Anos mais tarde a Igreja reconheceria este seguidor de Cristo como santo¹¹ e o cederia o título de doutor, pois, ensinou ao mundo uma nova forma espiritual de seguir Cristo Jesus. Sendo um místico que em toda sua vida buscou encontrar a verdade, e ao encontrá-la nunca a abandonou.

2.1.3 A busca pela felicidade na obra *Confissões*

O pensamento agostiniano leva o homem a perceber a inquietude ao procurar formas de prazeres exteriores a si, deixando o coração humano quieto apenas quando repousa na verdade, fonte da felicidade. (SANTO AGOSTINHO, 1984). Quando o ser humano se depara com sua verdade interior encontra sua busca pela felicidade. Foi desta forma, que Agostinho (1984) se deparou com a verdade em seu interior, como afirma: “Quando te procuro, ó meu Deus, procuro a felicidade da vida.” (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 288).

A busca pela felicidade acontece com o querer do ser humano. Habitado em seu interior, desejando buscá-la, encontrará a exigência de um conhecimento que seja suficiente para iniciar esta busca. Qual? No livro X de *Confissões*, Agostinho (1984) apresenta sua reflexão sobre a memória, o caminho para a transcendência até a felicidade, que se encontra em Deus.

No início do livro X, Agostinho (1984, p. 270) diz: “Estou seguro, Senhor, de que te amo; disso não tenho dúvidas. Tocaste-me o coração com tua palavra, e comecei a amar-te”, ou seja, conhece o amor, mas não significa ter o conhecimento do Amado.

No decorrer do livro X se mostra a busca da felicidade na memória de todo homem. Santos (2017), divide a reflexão da memória, de Agostinho, desta maneira:

- 1) A memória sensível: aquela que irá guardar as percepções através dos sentidos, as imagens, podendo também juntar duas imagens;

¹⁰ “Agostinho é o Padre da Igreja que deixou o maior número de obras.” (BENTO XVI, 2008a, p. 1).

¹¹ “Agostinho não se tornaria santo por processo canônico, mas por aclamação popular. Só a partir do século IX se iniciaram os processos regulares de canonização e a partir de então, ele foi confirmado Santo.” (COSTA, 1999, p. 160).

- 2) A memória das lembranças através das imagens: aquela que guarda as noções das artes, razões, números e dimensões, ela guardará os próprios objetos inteligíveis;
- 3) A memória do “lembro-me de ter lembrado”: aquela que guarda as lembranças dos sentimentos do homem, pode-se guardar os sentimentos sem precisamente vivenciá-los novamente;
- 4) A memória de se lembrar dos esquecimentos: aquela que é o aprofundamento do limite para a busca de Deus, pois o homem se esquece de procurar a felicidade e, se lembrasse de procurá-la, não a procuraria, sendo a memória que guarda o conhecimento da felicidade;
- 5) A transcendência da memória, ou seja, a lembrança de Deus: nesta etapa da memória está a lembrança de algo esquecido. Por meio da interiorização o homem busca o conhecimento de Deus que está na memória, sendo assim, uma busca além do mundo sensível.

Segundo Agostinho (1984), quando o ser humano se depara com a palavra felicidade, algo o desperta interiormente, passando a desejá-la, e essa é a lembrança da felicidade que está guardada na memória, pois o ser humano não deseja algo que já não conhece ou, não ama algo desconhecido:

E tu, Senhor, enquanto ele falava, me fazias refletir sobre mim mesmo, tirando-me da posição de costas, em que eu me havia colocado para não me enxergar a mim mesmo, e me colocavas diante de minha própria face, para que eu visse quanto era indigno, disforme e sórdido, coberto de manchas e de chagas. E eu via, e me horrorizava, e não tinha como fugir de mim mesmo. (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 216).

É importante salientar que o homem é portador do livre arbítrio e, Agostinho, não isenta o homem da responsabilidade de suas escolhas, por possuir o livre arbítrio, isso lhe permite o direito da escolha. (GAARDER, 1995). Com efeito, a busca pela felicidade, que ocorre no caminho interior, deve partir da vontade em buscá-la, fazendo-se assim o exercício da memória.

Quando o homem busca a felicidade de forma errada, através do mal, inicia-se um vício rotineiro, porque um dia canalizou de forma errada seu desejo interior, perdendo assim sua escolha para o bem.

Para Agostinho (1984), as vontades boa e má cria dentro do ser humano um conflito do não querer com o querer. A vontade má não reina plenamente, assim, o

homem deve-se desprender de seus vícios e paixões, muitas vezes não conseguindo, desta forma, passa a depender da graça divina, como afirma Santos (2017, p. 157): “A graça cooperante é auxílio divino que permite ao ser humano realizar efetivamente o bem que ele quer fazer, mas que por si mesmo não conseguiria.” A graça cooperante é doada por Deus que se compadece com a dificuldade humana.

No livro XI, Agostinho traz sua reflexão sobre o tempo e a eternidade, que estão totalmente ligadas à memória de todo ser pensante. Deve-se destacar que a eternidade é maior que o tempo:

Compreenderá então que a duração do tempo só será longa porque composta de muitos movimentos passageiros que não podem alongar-se simultaneamente. Na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Verá então que o passado é compelido pelo futuro, que o futuro nasce do passado, que passado e futuro têm suas origens e existências naquele que é sempre presente. (SANTO AGOSTINHO, 1984, pp. 335-336).

Passa-se a existir o tempo após a criação e, o homem, ser temporal, não consegue medir a eternidade vivendo preso ao tempo, nesta perspectiva é apresentado o triplo presente: presente do passado, presente do presente e presente do futuro. (AMARAL *et al*, 2012).

O Presente do Passado é a memória, é a lembrança, são os vestígios de acontecimentos passados que se encontram impregnados em nossa alma. O Presente do Presente é o agora, é o exato momento em que todas as coisas acontecem, é um tempo que se vai rapidamente, que se volta ao passado e logo se torna passado. O presente do Futuro é a espera, é a esperança, a expectativa. Podemos prever o futuro porque vivenciamos acontecimentos passados, que se encontram presentes em nossa memória, ou seja, prevemos o futuro a partir das coisas passadas. (AMARAL *et al*, 2012, p. 19).

Com a ajuda da memória o ser pensante pode resgatar os acontecimentos que se passaram e pode idealizar os acontecimentos que ainda surgirão. A eternidade determina os acontecimentos do passado e do futuro e Deus, ser eterno, vive seu eterno presente na eternidade. (AMARAL *et al*, 2012). Desta forma, o tempo da felicidade acontece no presente.

Agostinho coloca as fases da memória para ajudar a compreender melhor a busca pela verdade e, mostra também, o tempo e a eternidade que ajudam o ser humano a compreender este caminho até a felicidade, com o auxílio da memória.

2.2 A Trindade

A *Trindade*¹² foi escrita já no fim de sua vida e possuiu cunho teológico e filosófico, na qual é importante perceber o que Agostinho escreve sobre a felicidade já em uma de suas últimas obras.

Nesta obra, Agostinho, acrescentou e reformulou seu pensamento sobre a felicidade se baseando em sua experiência cristã.

Esta obra contém quinze livros, porém, será destacado apenas o livro XIII, voltado para a felicidade: “A Felicidade verdadeira tem a nota da imortalidade, a qual o homem pode almejar alcançar pelos méritos da vida, morte e ressurreição do Verbo encarnado.” (SANTO AGOSTINHO, 2008b, p.15).

Esta obra relata um diálogo entre Agostinho e uma criança, durante um sonho:

[...] procurando, talvez, temerariamente, entender o mistério da Santíssima Trindade, viu um menino encantador que, havendo feito um buraco na areia, se entretinha em colher água do mar, com uma concha, e derramá-la naquele buraco, vendo isto, o Santo, parou, observou o menino e, sorrindo bondosamente, perguntou-lhe se queria meter no buraco toda a água do grande Oceano. – E por que não? – replicou o pequeno; seria mais fácil que meter em tua razão o oceano incompreensível da Santíssima Trindade. (COSTA, 1999, p. 114).

Diante disso, pode-se perceber a densidade desta obra escrita por Agostinho.

2.2.1 A busca pela felicidade na obra A Trindade

Para Agostinho (2008b), todas as pessoas querem viver felizes, mas nem todas querem viver segundo os bens da alma, como ele mesmo diz: “[...] é verdade que todos querem viver felizes, mas nem todos desejam viver do único modo como se pode viver feliz.” (SANTO AGOSTINHO, 2008b, p. 404). Este modo é viver de forma correta e não com base nas paixões e vícios.

A felicidade não mora naquilo que cada homem estabelece como vida feliz, segundo seu próprio prazer, desta forma, Agostinho (2008b, p. 404) diz: “Portanto,

¹² “O tempo decorrido do ano 400 a 416, período dedicado à elaboração deste monumento teológico e filosófico, que é o tratado *De Trinitate*, revela, por um lado, a profundidade do tema e, por outro, a seriedade com que o bispo de Hipona encarou seu projeto.” (SANTO AGOSTINHO, 2008b, p. 9).

não será falso dizer que todos querem viver felizes, porque todos querem viver conforme seu agrado.” Em outras palavras, conforme seu amor próprio:

Conclui-se daí que todos sabem o que seja a vida feliz. E todos os que são felizes têm o que desejam; embora nem todos os que desejam tê-la sejam necessariamente felizes. São infelizes os que não têm o que desejam, ou então, se o têm, essas coisas são culposas. Portanto, não é feliz, senão aquele que possui tudo o que quer e nada quer que seja mal. (SANTO AGOSTINHO, 2008b, p. 405).

Portanto, Agostinho (2008b) traz dois vieses que todo ser humano se depara para felicidade: o desejo e o querer. Sendo que todos desejam a felicidade, mas nem todos querem a felicidade. (SANTO AGOSTINHO, 2008b). O ser humano que está mais longe da felicidade é aquele que conquista o que quer, do que, aquele que tem a vontade reta e não consegue o que desejou. Com efeito, estabelece-se que a felicidade verdadeira consiste nas coisas unicamente boas e na vontade reta, aproximando uma da outra: “É impossível encontrar bens, principalmente os que tornam os homens bons e felizes, se não vierem de Deus para o homem e não aproximarem o homem de seu Deus.” (SANTO AGOSTINHO, 2008b, p. 407).

Os seres humanos que perseveram vivendo as bem-aventuranças conquistarão o reino dos céus, onde nada o faltará, onde tudo que existir será bom e, Deus será o Supremo Bem, todos se deleitarão por toda a eternidade. (SANTO AGOSTINHO, 2008b).

Agostinho ressalta que muitos filósofos tentaram buscar a felicidade, mas não a encontraram:

Houve certos filósofos que instituíram para si um gênero de vida feliz segundo seus próprios gostos, como se pudessem por seus próprios esforços o que não podem pela condição comum dos mortais, ou seja, viver a seu bel-prazer. Sabiam que ninguém pode ser feliz a não ser possuindo o que deseja e nada sofrendo contra a sua vontade. Pois quem não desejaria que determinado tipo de vida, que lhe traz prazer, e por isso denominada feliz, de tal modo pudesse possuí-la que lhe fosse dado conservá-la pra sempre? (SANTO AGOSTINHO, 2008b, p. 407).

Os homens que caminham pela busca dos bens eternos são felizes, certamente, por sua esperança diante de tanta dificuldade perante as coisas passageiras, portanto, através da esperança se chega aos bens imutáveis. Para Agostinho (2008b), quem é feliz só pela esperança não se é plenamente, pois, a

esperança com paciência é uma felicidade que ainda não é plena, porém, seria infeliz se esperasse sua felicidade chegar com ignorância.

Agostinho (2008b) ironiza aqueles homens que se orgulham de viver como querem, pois apenas suportaram com paciência o que não gostariam de percorrer para chegar à felicidade.

Ao contrário, ao homem feliz – tal como todos desejam ser – não se pode dizer com razão e em verdade: “O que querer é impossível de realizar”. Se alguém já é feliz, tudo o que deseja é possível para ele, pois não desejou algo impossível de ser realizado. Mas esse gênero de vida não é próprio à condição mortal, só o será quando se tornar imortal. E se essa imortalidade não fosse um dom outorgado à criatura humana, em vão procuraria ela a felicidade, pois sem imortalidade não existe felicidade. (SANTO AGOSTINHO, 2008b, p. 409).

Todos que desejam ser felizes, também desejam ser imortais, pois não há como se chegar à plena felicidade sem ser imortal. Então, a felicidade nesta vida é ilusória? Não, pois vive bem nesta vida aquele, apenas, que viver como quer e nada deseja de mal, diz Agostinho (2008b, p. 410): “Se a natureza humana for capaz de a receber, como um dom de Deus. Se não for capaz disso, tampouco o será da felicidade.” Portanto, deve-se acolher a imortalidade que virá um dia após a morte, para que desta forma seja feliz plenamente.

Segundo Agostinho (2008b), os homens que se deparam com a morte e a temem, sabendo que existe a felicidade imortal, não possuem uma vida feliz, pois se a possuíssem, não teriam medo de se encontrar com a eternidade.

Com efeito, a fé precisava ser atuada pela caridade. Os dons do homem são doados por Deus através de Jesus, que se encarnou para mostrar a verdade, e através dessa doação e desses dons, poderá se chegar à felicidade imortal, na eternidade. (SANTO AGOSTINHO, 2008b).

Quando o homem busca a vida feliz, se depara com várias dificuldades próprias da natureza humana, devido ao seu livre arbítrio. (SANTO AGOSTINHO, 2008b). Escolhas erradas podem lhe afastar da felicidade. Essas dificuldades são as limitações, inseguranças e fraquezas¹³ humanas. Segundo Agostinho (2008b), Jesus

¹³ “‘Fraqueza’ parece ser um termo benigno, mas às vezes é de tal modo essa fraqueza que merece ser chamado impiedade. Entretanto, se não existisse de nosso lado a fraqueza não haveria necessidade de médico. É o que significa em hebraico: Jesus. Em grego: ‘Sóter’. E em nosso idioma: ‘Salvador’.” (SANTO AGOSTINHO, 2008b, p. 415).

traz este ensinamento: que a fraqueza humana não os impeçam de chegar à eternidade junto do Pai.

Como o ser humano limitado e inseguro conseguirá viver uma vida feliz até chegar à felicidade? Agostinho (2008b) diz que Cristo já o proporcionou a graça necessária:

É próprio de todos os homens quererem ser felizes, mas nem todos possuem a fé para chegar à felicidade pela purificação do coração. Acontece, entretanto, que esse caminho que nem todos desejam é o verdadeiro caminho para a felicidade, a qual ninguém pode alcançar se não o quiser. De fato, aspirar a ser felizes todos vêm esse desejo em seu coração, e é tal a harmonia de opiniões na natureza humana nesse sentido que o ser humano não se engana quando por sua própria alma julga a do próximo. Numa palavra, sabemos que todos queremos ser felizes. [...] Portanto, a fé é necessária para se alcançar a felicidade em relação a todos os bens da natureza humana, ou seja, em relação à alma e ao corpo. (SANTO AGOSTINHO, 2008b, p. 433).

Portanto, o homem precisa da fé e da razão para chegar à felicidade, esta fé purifica seu coração, levando-o a ter uma vontade reta, desta forma, conseguirá viver uma vida feliz.

Na obra *A Trindade* se percebe que todos os homens querem a felicidade, mas nem todos querem viver de forma que se alcance a felicidade, superando suas dificuldades com os olhos da fé. Mas, este caminho, que nem todos irão desejar, será o único e verdadeiro caminho que leva a felicidade, a qual ninguém alcança se não quiser. Todos os homens percebem em seu coração o desejo de ser feliz, ou seja, todos desejam a felicidade. Mas também existem aqueles que ficam com medo de serem imortais, porém, sem isto, ninguém pode ser feliz plenamente, apesar de o desejar. (SANTO AGOSTINHO, 2008b).

2.3 Inquietação interior

Agostinho (1984) em toda sua vida percorreu vários caminhos com uma única intenção: encontrar a verdade. No momento propício que olhou para seu interior a encontrou, com isto, toda sua inquietude ganhou vida e sentido, como é relatado em suas *Confissões*.

Muitas das inquietações da vida de Agostinho são percebidas na contemporaneidade: período em que os seres humanos buscam saciar seu vazio interior em coisas passageiras e se deparam com uma inquietude. Portanto, quando

se busca nas coisas mutáveis, encontra um alívio momentâneo, logo após este alívio se depara com o mesmo “fantasma” do vazio, João Paulo II (1986, p. 5) explica: “[...] mas também para todos os homens de boa vontade: quão fácil é perder-se no caminho da vida e quanto difícil é voltar a encontrar o caminho da verdade.”

A verdade mora no homem, é encontrada interiormente ao escutar a voz que proclama a verdade, aquela voz que preenche seu vazio, assim diz João Paulo II (1986, p. 7): “[...] Quem não se encontra a si mesmo, não encontra a si mesmo, não encontra a Deus, porque Deus está no profundo de cada um de nós.”

Neste primeiro capítulo se percebe na vida de Agostinho sua busca pela verdade que acontece diante de sua inquietação interior. Para ajudar compreender melhor esta busca pela felicidade foram percorridas as obras: *Confissões*, que ajuda a entender a memória de todo ser pensante para se chegar à felicidade; e também, *A Trindade* que ajuda a compreender o querer e o desejo de todo homem para percorrer o caminho até a felicidade. Mas, existe um início para encontrar a felicidade plena, que começa a buscá-la, chamada por Agostinho (1993) de *A Vida Feliz*, obra apresentada no segundo capítulo.

3 A VIDA FELIZ: DIÁLOGO FILOSÓFICO

Algumas questões aparecem no presente capítulo para compreender o pensamento de Agostinho acerca da vida feliz¹⁴, através de sua obra *A Vida Feliz*.

Agostinho reuniu seus parentes e discípulos para um diálogo filosófico. Todos trouxeram seus questionamentos acerca da felicidade e seu caminhar até a plenitude da sabedoria, para assim, encontrar a verdade.

Neste colóquio sobre a vida feliz se perceberá que algo no homem é imutável, algo o faz ter contato com as coisas eternas, e só através destas coisas ele será saciado. Os participantes do diálogo compreenderão que o vazio encontrado no interior das pessoas, necessita ser preenchido, e quando isso ocorre, o indivíduo se conhece, entra em sua humanidade e assim começa a contemplar a verdade. Seu interior é impulsionado para a essência, àquilo que o trará à contemplação da verdade, deparando-se com o imutável em seu interior. Mas, como o ser humano, ser mutável, poderá alcançá-la?

3.1 Todo homem busca a felicidade

O desejo do filosofar para Agostinho tinha apenas um único motivo: a busca pela felicidade, que para ele, é o desejo de buscar a Deus. Esta verdade é apresentada para o ser humano como Supremo Bem a ser alcançado, levando-o a sair de sua ignorância para chegar à verdadeira felicidade, o que acontece mediante a muito esforço humano.

Compreende-se que a felicidade não é alcançada plenamente nesta vida, pode-se apenas experimentá-la. Para alcançá-la plenamente se inicia no esforço de cada homem, através da dialética da razão. Por estar no campo dialético, a filosofia passa a ser o porto para a felicidade.

Muitos filósofos tentaram percorrer este caminho na história para chegar à felicidade:

Pitágoras (fins do século VI a.C), os homens são felizes quando possuem alma boa. Platão (427-347 a.C), [...] ser mais feliz o justo no meio dos sofrimentos do que o injusto em mar de delícias [...] **para conseguir a felicidade é necessário dedicar-se à prática da virtude.** Os epicuristas,

¹⁴ Vida feliz e felicidade no pensamento agostiniano são sinônimos.

proclamavam o prazer o único meio de atingir a felicidade [...] Sêneca (4 a.C. 65 d.C) [...] o conceito de que ela é a participação do divino. (SANTO AGOSTINHO, 1993, pp. 6-7, grifo nosso).

Como se percebe, muitos tentaram responder o que seria esta busca pela felicidade, mas, no pensamento agostiniano, ela só é alcançada se se compreender o nome de Cristo presente nela. Agostinho (1993) apresenta dois vieses para se chegar à felicidade: fé e razão.

Entende-se ao longo do diálogo que o pensamento de Agostinho foi influenciado pelos neoplatônicos, principalmente Plotino e sua filosofia.

Agostinho traz presente em seu pensamento o nome de Cristo, se diferenciando assim de Platão e Plotino, revestindo ambos do pensamento cristão, o que o rendeu o título daquele que cristianizou Platão.

A obra *A Vida Feliz: Diálogo Filosófico* vai juntamente apresentar esse itinerário que começa com a recém-conversão de Agostinho em seu “retiro espiritual” ocorrido na casa emprestada por Verecundo em Cassiciaco, casa de campo. Sendo os participantes do diálogo: Agostinho, Mônica ou Santa Mônica, Adeodato, seu irmão Návio, seus primos, Rútico e Lastidiano, seu amigo Alípio e os irmãos, Licêncio e Trigécio. (SANTO AGOSTINHO, 1993).

Para se compreender melhor este diálogo se fará necessário apresentar a alegoria da navegação de Agostinho.

3.2 Alegoria da Navegação

Agostinho situa no início do diálogo que a caminhada do homem na terra seria como uma navegação em direção à terra firme, chamada de a vida feliz. Mas para se chegar a esta vida feliz é difícil, precisando assim chegar ao porto da filosofia, onde se pode ancorar o barco para ficar em terra firme. (SANTO AGOSTINHO, 1993). Nesta metáfora Agostinho diz que o mar é o mundo, que são as coisas passageiras. Desta forma, o homem deve ser conduzido através de sua razão e impulsionado pela vontade, essa vontade já é presente em todo homem, o que se difere apenas é que nem todos se permitem ser conduzidos pela razão. Mediante a isso, Agostinho (1993) traz três tipos de navegantes:

- 1) Aqueles que se deixam ser conduzidos pela razão. Lançando-se com coragem para alcançar o porto da vida feliz, podendo ajudar outros;

- 2) Aqueles que se deixam ser levados somente pela vontade. Lançando-se desesperadamente no mar, não possuindo um direcionamento correto, podendo, desta forma, se perder;
- 3) Aqueles que se deixam ser levados pelo impulso da lembrança da pátria original, podendo ou não chegar ao porto da vida feliz.

A navegação de Agostinho começou quando ele se deparou com a leitura de *Hortênsio*, de Cícero, e continuou com sua passagem pelas doutrinas, em especial o maniqueísmo, até chegar à leitura das Sagradas Escrituras na qual encontrou sua terra firme. (SANTOS, 2016).

No primeiro dia do diálogo, Agostinho levantou os seguintes questionamentos: Qual o alimento da alma? Somos felizes por possuímos o que queremos? Só quem possui a Deus é feliz? Quem possui a Deus? No segundo dia: É feliz aquele a quem Deus está presente como amigo? A benevolência de Deus traz a felicidade? Consiste a infelicidade na carência? No terceiro dia conclui que a felicidade é plenitude espiritual sendo necessário possuir a sabedoria, ou a justa medida. (SANTO AGOSTINHO, 1993).

A busca pela verdade é própria do ser humano que anseia pela felicidade, uma busca por algo eterno, o que se nota na obra *A Trindade*. Com a razão o homem consegue organizar e entender a felicidade, mas somente com a fé que pode experimentá-la. A fé será um caminhar no escuro com a certeza de que se está claro, onde consegue enxergar. Porém, este caminho de razão e fé é difícil de conciliar, e como diz Agostinho (2000b), chegam apenas à plenitude aqueles com o coração já purificado com os olhos da fé.

Na história dos filósofos se percebe uma grande busca para responder o que é a felicidade. Esses travaram lutas entre alma e corpo, fé e razão. Segundo Agostinho (1993), não é um problema as coisas em contato com o corpo, por que quem as criou foi Deus, e Deus é perfeito.

Isso quer dizer que não existem falhas naquilo que o criador faz. Entretanto, todo criado apresenta níveis de perfeição, isto é, os bens materiais são relativos, porque existe um Deus que é o Sumo Bem. As coisas são mutáveis, Deus, porém, é eterno. (SANTOS, 2016). Em sua vida Agostinho buscou tantas “verdades” para suprir o lugar daquilo que é eterno, enchendo-se de coisas relativas que foram passageiras. Quando, porém, encontrou algo eterno, saciou-se.

O homem, muitas vezes, não quer buscar as coisas eternas, o Sumo Bem, e passa a optar por suas paixões e vícios em vez das coisas da alma, chegando-se a confundir o passageiro com o eterno. Essa confusão pode fazer com que o ser humano se perca neste caminho que percorre em busca da felicidade, como visto na vida de Agostinho que sempre se afastou da verdade quando procurava por coisas terrenas.

Nesta perspectiva se apresenta o diálogo sobre *A Vida Feliz*. Nele, Agostinho procura romper com a tradição platônica que não coloca a posse de Deus como felicidade, mas traz a posse de Deus como o único e verdadeiro porto de chegada para a felicidade:

[...] E proclama ele, com a convicção, ser a Sabedoria um dos nomes de Deus, mais precisamente, o nome do Filho de Deus, Cristo. [...] Deus é o único bem que pode nos assegurar a Felicidade. A Sabedoria não consiste só no conhecimento de Deus, mas também na sua posse e fruição. Não se trata, pois de conhecimento puramente intelectual. Agostinho deseja chegar à verdade, em vista da felicidade. Não concebe ser possível chegar a felicidade sem a verdade e vice-versa. (SANTO AGOSTINHO, 1993, pp. 8-9).

A posse de Deus é fundamental para se chegar à felicidade. A sabedoria, como visto, está em Jesus, que para Agostinho é a Verdade. A contemplação desta Verdade será a plenitude da felicidade. (SANTO AGOSTINHO, 1993). Nesse sentido, nada que seja mutável pode ser atribuído à felicidade, sendo apenas Deus este atributo imutável. Aqueles que possuem a Deus serão os únicos a ter a felicidade. Com efeito, o desejo de Deus é o caminho para a felicidade, que será viver bem. Esse viver bem é a sabedoria sem excessos.

A sabedoria é a virtude da alma. Para encontrar esta virtude, será necessária a contemplação da Verdade. Como afirma Agostinho (1984, p. 15): “Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti.”

3.3 Primeiro dia: o problema da felicidade

É importante perceber a influência platônica no diálogo, principalmente, o dualismo corpo e alma:

Para Platão, portanto, o homem é um ser dual. Temos um corpo, que ‘flui’ e que está indissoluvelmente ligado ao mundo dos sentidos, compartilhando do mesmo destino de todas as outras coisas presentes neste mundo. Todos os nossos sentidos estão ligados a este corpo e, conseqüentemente, não são inteiramente confiáveis. Mas também possuímos uma alma imortal, que é a morada da razão. E justamente porque a alma não é material, ela pode ter acesso ao mundo das ideias [sentido saudades deste mundo]. (GAARDER, 1995, p. 103, grifo nosso).

Para Platão esta saudade se chama *eros*¹⁵. Compreendendo-se que a alma deseja retornar para sua verdadeira morada, com isto, ela percebe que o corpo e tudo que é sensorial são imperfeitos e supérfluos. Tendo, desta forma, o desejo de se libertar do cárcere do corpo. (GAARDER, 1995).

Após a apresentação da alegoria da navegação, Agostinho levou os participantes a refletirem sobre o dualismo corpo e alma, pois para ele: “[...] não pode existir homem algum sem corpo e alma.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 29). Sempre abordando questões de onde e como o homem pode ser feliz. Levantando estes questionamentos, conduz os participantes a perceberem que a felicidade já está em todos, porque todos os seres humanos possuem uma alma imutável.

3.3.1 O Alimento da alma

Todos os seres vivos precisam de alimento para se manter vivos, ou para manter seus corpos saudáveis, então Agostinho (1993, p. 30) faz um novo questionamento: “E quanto a alma [...] não possui ela seu alimento próprio? Não lhes parece ser esse alimento a ciência?” Levando todos a se questionarem qual é esse alimento que é imutável, que sustenta a alma. Tomando a palavra, Mônica responde: “A meu ver, não existe outro alimento para a alma que não seja o conhecimento das coisas e a ciência.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 30). Nestas palavras de Mônica, percebe-se que a sabedoria é a virtude para a alma.

Portanto, conclui-se com os questionamentos sendo a infelicidade fruto da ignorância do homem:

[...] Pois do mesmo modo que como o corpo, privado de alimento, fica exposto a doenças e reações malignas decorrentes de sua imaginação, assim o espírito ignorante está impregnado de doenças provenientes de suas carências. (SANTO AGOSTINHO, 1993, pp. 30-31).

¹⁵ Uma das formas de amor em filosofia.

Segundo Agostinho (1993), quando o corpo fica privado de alimento está fragilizado, sujeitado a doenças e reações malignas da inanição¹⁶. Desta mesma forma será o espírito ignorante, cheio de suas carências. Logo, Agostinho apresenta os elementos da virtude, temperança ou frugalidade¹⁷, como essenciais para a alma ser nutrida. Mediante isso, deve-se distinguir o alimento salutar e proveitoso do alimento malsão e funesto¹⁸, para que se possa chegar a sabedoria.

3.3.2 Somos felizes por possuímos o que queremos?

Agostinho (1993, p. 32) levanta outra questão: “Queremos todos ser felizes?” A esta pergunta todos responderam que sim, em seguida Agostinho (1993, p. 32) pergunta novamente: “[...] quem não tem o que quer é feliz?” Quando o homem deseja algo passa a ser uma necessidade, porém, se cada um se alimentar de algo errado encontra a infelicidade em vez da felicidade, que é seu desejo. Então, Mônica toma a palavra e traz a resposta diante destas dúvidas: “[...] se for o bem que ele (homem) apetece e possui, será feliz. Mas, se forem coisas más, ainda que as possua, será desgraçado.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 32). Assim Agostinho (1993, p. 33) diz:

Há certos homens – certamente não filósofos, pois sempre prontos a discordar – que pretendem ser felizes todos aqueles que vivem a seu bel-prazer. Mas tal é falso, sob todos os pontos de vista, porque não há desgraça pior do que querer o que não convém. És menos infeliz por não conseguires o que queres. De fato, a malícia da vontade ocasiona ao homem males maiores do que a fortuna pode lhe trazer de bens.

Com efeito, não importa o que se tem, ou ter o que se quer, mas essa coisa deve ser boa, um querer bom, uma busca do alimento correto, assim, esse alimento conduzirá para a felicidade. Desta forma, Agostinho (1993, p. 32) diz para sua mãe: “Sorrindo, e deixando transparecer a minha alegria, disse à minha mãe: - Alcançaste, decididamente, o cume da Filosofia.”

Segundo Agostinho (1993), todos querem ser felizes, sendo a felicidade algo natural de todo homem, algo que nem ele e nem ninguém poderá tirar, algo que está

¹⁶ Condição de fraqueza causada pela ausência de alimentação.

¹⁷ “Esse termo vem de *fruges* e tem o significado de frutos. Evoca assim uma espécie de fecundidade provinda no espírito graças a essa virtude.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 31).

¹⁸ Algo que provoca aflição ou amargura.

presente nele mesmo, este encontro pode preencher seu vazio que o escraviza segundo seu amor próprio. Então, Agostinho (1993, p. 33) conclui: “Portanto, estás entendido, entre nós, que ninguém pode ser feliz, sem possuir o que deseja, e por outro lado, não basta aos que já possuem, ter o ambicionado para serem felizes.” Em outras palavras, para ser feliz se deve possuir aquilo que sacia a alma.

3.3.3 Só quem possui a Deus é feliz

No decorrer do diálogo Agostinho (1993, p. 34) pergunta: “Então, o que o homem precisa conseguir para ser feliz?” Todos percebem que não se trata de algo fácil para se conseguir, pois o homem já está preso em suas paixões e vícios. Com isto, Agostinho (1993, p. 34) responde sua própria pergunta: “Isso significa ser necessário que se procure um bem permanente, livre das variações da sorte e das vicissitudes da vida.” Todos demonstram estar de acordo com esta fala, Agostinho (1993, p. 34) continua: “Ora, não podemos adquirir à nossa vontade, tampouco conservar para sempre, aquilo que é perecível e passageiro.” O único que demonstrou insatisfeito com a resposta foi Trígésio, no decorrer do diálogo entenderá o que Agostinho está dizendo.

Sendo algo permanente, logo, não é algo passageiro, isto é, não são bens materiais ou fruto das paixões, por que esses bens não podem ser conservados. Sendo assim, terá que ser algo que não passe, não mude, algo concreto, onde se possa estar a felicidade, ou seja, algo eterno. Agostinho (2008b, p. 94) afirma: “Ainda que exilados do gozo imutável, não fomos, entretanto dele excluídos e privados a ponto de não podermos procurar a eternidade, a verdade e a felicidade nas coisas mutáveis e temporais.” Compreendendo, desta forma, semelhança com o pensamento platônico.

Segundo Agostinho (1993), Deus é o ser eterno e imutável. Embasando-se nisso ele questiona os participantes: “[...] É Deus eterno e imutável?” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 35). Todos concordam que essa é uma verdade. Dessa forma, conclui: “Logo, quem possui a Deus, é feliz!” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 35). Como visto, o homem precisa de alimento eterno para chegar à felicidade. Deus é eterno, logo, quem possui a Deus tem a vida feliz.

3.3.4 Quem possui a Deus?

A todos que desejam ser felizes basta apenas possuir a Deus? Como então se possui a Deus? Então, Agostinho (1993, pp. 35-36) pede a opinião dos participantes:

Licencio opinou:

- Possui a Deus quem vive bem.

- Possui a Deus quem faz o que Deus quer que se faça, disse Trigésio.

Lastidiano aderiu a essa opinião. Adeodato, o mais jovem de todos, sugeriu então:

- Possui a Deus quem não tem em si o espírito imundo.

Quanto à minha mãe, aprovou todas as opiniões, principalmente a última.

Agostinho se satisfaz com a resposta de todos, porém não conclui o diálogo, pois teme que a pressa de chegar à resposta da felicidade prejudique a verdadeira resposta que querem encontrar:

Conheço agora o que cada um pensa sobre essa questão fundamental, acima da qual nada temos de procurar, nem coisa alguma a descobrir. Todavia, aprofundemos a investigação com espírito sincero e sereno, aliás, como já iniciamos a fazê-lo. Seria entretanto longo demais para o dia de hoje. Em tais festins, o espírito também deve temer uma espécie de intemperança, jogar-se imoderadamente e com gula sobre os manjares servidos. [...] Não vos parece que vale mais tratarmos amanhã dessa questão, com apetite renovado? (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 36).

Mônica no final do primeiro dia ajuda a todos a entender que a verdade está no interior da alma e não numa busca pelo que está no externo (SANTO AGOSTINHO, 1993), logo, deve o homem encontrar a verdade escondida em seu interior, como diz Agostinho (1984, p. 295) em *Confissões*: “[...] Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora!”. E ainda:

Para sermos felizes, Deus deve ser o único objeto de nossas aspirações, pois é ele a nossa verdadeira beatitude. Portanto, a grande e única lei fundamental do ideal fundamental do ideal agostiniano consiste na união de Deus. Tudo mais seguirá daí. (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 15).

Nesse sentido, a felicidade é a posse de Deus. A vida feliz está ligada ao desejo de algo bom que possa satisfazer o homem. A alma é eterna, e por ser eterna, está ligada ao eterno. Dessa forma, o único alimento possível para a alma é Deus, portanto: a alma que possui Deus possui a felicidade!

3.4 Segundo dia: a posse de Deus como condição para a felicidade

No primeiro dia chegou-se a três considerações: possui a Deus quem vive bem; possui a Deus quem faz sua vontade; possui a Deus quem não tem um espírito impuro¹⁹. Agostinho (1993) percebe grande semelhança entre essas respostas: quem não tem espírito impuro é porque vive bem, se vive bem faz a vontade de Deus, e quem faz sua vontade não tem um espírito impuro.

Agostinho (1993, pp. 42-43) abre novos questionamentos: “Quem vos parece que possui a Deus? [...] Quer Deus que o homem O procure?” Esse pensador compreende que todas as pessoas buscam a felicidade, e para encontrá-la se faz necessário possuir a Deus. Dessa forma, levanta-se o questionamento sobre como encontra-IO.

Tomando a palavra, Mônica diz: “[...] ninguém pode chegar a Deus sem o ter procurado antes!” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 44). Portanto, ninguém procura aquilo que não conhece! Afirmado por Agostinho (1984, p. 290) em *Confissões*: “[...] Se não conhecêssemos com precisão essa felicidade, não a desejaríamos com vontade tão firme.” Compreendendo-se um conhecimento inato de todo ser humano para a felicidade.

3.4.1 É feliz aquele a quem Deus está presente como amigo

Segundo Agostinho (1993), Deus é a felicidade e todos possuem a Deus. Mas existem pessoas infelizes! Como? Se todos possuem a Deus? Então, Mônica diz: “[...] parece-me que não há ninguém que não possua a Deus. Entretanto, aquele que vive bem possui a Deus como um amigo benévolo (*habet Deus propitium*), e quem vive mal, como alguém que lhe é distante.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 44).

Após esta resposta de Mônica, Agostinho (1993, p. 44) diz: “Neste caso, fizemos mal ontem em concordar que é feliz todo aquele que possui a Deus [...] Pois, na verdade, vemos que nem todos são felizes”. Como visto na obra *A Trindade*, algumas pessoas preferem estar próximo de Deus e outras não.²⁰

¹⁹ Para Agostinho não terá um espírito impuro: “quem tiver os olhos voltados para Deus e não se prender a nada além d’Ele só.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 43).

²⁰ O ato de se afastar de Deus, no pensamento agostiniano, só é possível do ponto da moral, porque ontologicamente o ser humano está ligado a Deus. (SANTOS, 2016).

Com isso, o diálogo entra em um novo caminho. Ser feliz não significa somente possuir a Deus, mas, possuí-LO como um amigo próximo ou, em termos agostinianos, amigo benévolo²¹.

3.4.2 A benevolência de Deus traz a felicidade

Agostinho (1993, p. 45) toma a palavra e diz: “Acontece, porém, que quem está em busca, ainda não possui o que deseja.” E Mônica continua dizendo desta forma: “[...] quem vive bem possui a Deus, e de modo propício. Quem vive mal, possui a Deus, mas como distante (*infetum*) [...] Contudo, não está sem Deus.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 46). Em *Confissões* diz Agostinho (1984, p. 291):

Longe de mim, Senhor, longe do coração do teu servo, que se confessa diante de ti, longe o pensamento de que uma alegria qualquer possa torná-lo feliz. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas àqueles que te servem por puro amor: essa alegria és tu mesmo. E esta é a felicidade: alegrar-nos em ti, de ti e por ti. É esta a felicidade, e não outra. Quem acredita que existe outra felicidade persegue uma alegria que não é a verdade. Contudo, a sua vontade não se afasta de certa imagem de alegria.

Aqueles que buscam e encontram Deus o possuem, mas aqueles que buscam outra alegria, também possuem a Deus, mas de forma distante, onde encontram uma felicidade falsa. Diz Agostinho (1984, p. 293) acerca de alguns homens: “Chegam somente até onde podem, e se contentam com isso, porque não podem alcançar o que não desejam com a força necessária para obtê-lo.” Para buscar querer ter a posse de Deus como amigo se deve olhar primeiramente para a vontade em querer possuí-LO. Segundo Agostinho (1993, p. 46):

[...] quem busca a Deus O tem benévolo, e quem possui a Deus benévolo, será feliz. Logo é feliz também aquele que está em busca de Deus. Como acontece que quem procura ainda não tem o que deseja, temos aí: quem ainda não possui o desejado é feliz!

Agostinho afirma que quem possui a Deus como amigo será feliz, e também aquele que ainda não possui o desejado, Deus, também será feliz. Mônica percebendo que algo está errado toma a palavra e diz: “Não me parece feliz quem

²¹ Esta palavra significa: “Será feliz quem possui a Deus como amigo.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 44).

não possui o que deseja.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 46). Portanto, Agostinho (1993, pp. 46-47) conclui que a benevolência de Deus traz a felicidade:

Por conseguinte, chegas a estas distinções: Todo o que encontrou a Deus e O tem benévolo, é feliz. Todo o que ainda busca a Deus, tem-nO benévolo, mas ainda não é feliz. E, enfim, todo o que se afasta de Deus, por seus vícios e pecados, não somente não é feliz, mas sequer goza da benevolência de Deus.

Portanto, será feliz aquele que desejar possuir a Deus como benévolo, vivendo uma vida com justa medida, sem seus vícios e paixões. Caso contrário, não gozará da excelência de Deus. Para Agostinho (1993, p. 60): “[...] toda pessoa para ser feliz deve possuir sua justa medida, isto é, possuir a sabedoria.”

O homem, perante o olhar cristão, possui o livre arbítrio, em outras palavras, é livre em tomar suas decisões e, contudo, muitas vezes faz a escolha de não optar por Deus, mas a criatura não existe sem o seu criador, como se percebe no comentário de Carneiro Jr (2007, p. 39):

A busca pela felicidade remete ao Criador, ao momento da criação, portanto ao passado (o não-mais). É possível ser feliz rememorando a fonte da existência. Esta fonte está não apenas na própria história pessoal, mas na de toda humanidade, pois na criação de Adão, reconhecemo-nos como irmãos de um mesmo Pai.

Deus criou as pessoas a sua imagem e semelhança, logo, a fonte da existência humana está no encontro com Deus, na imagem do criador.

Surge-se novos questionamentos: como o homem pode querer a felicidade e como pode adquiri-la? Se Deus é infinito e imutável como o homem finito e mutável pode ter o perfeito conhecimento da verdade que está em Deus?

Com efeito, o criador concede a sua própria essência à criatura, e a criação tem a participação neste bem. Por ter participação neste bem, que é chamado por Agostinho de Sumo Bem (Deus), todas as coisas assim criadas pelo Sumo Bem são apontadas para Ele. Quando o ser humano tem contato com a criação, consegue fazer parte desta eternidade, apesar de, às vezes, fazer mau uso desta criação. O mal uso não é a essência do criador, portanto, ha falsas alegrias. (SANTOS, 2016).

Agostinho compreendeu que o mal não é uma substância, e sim uma privação do bem. Deus, criador de todas as coisas, não existe substância alguma que não foi criada por Ele. (JOÃO PAULO II, 1986).

Segundo Santos (2016), o Criador inicia a criação por livre vontade e decisão. As criaturas são também, parte do criador, pois o criador sempre coloca sua substância em sua criação, fazendo-se participar da perfeição que é o Absoluto. Desta forma, toda a criação por participar da mesma substância de perfeição aponta sempre o criador, fazendo-se sempre uma só comunhão com o Sumo Bem. Como Mônica diz: “A verdadeira felicidade está em Cristo – a sabedoria de Deus – e na comunhão com a Trindade, obtida graças a uma vida cristã fervorosa: ‘por fé sólida, esperança alegre e ardente caridade’.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 13).

Toda criação tem um objetivo. O objetivo do homem, apresentado até aqui, é se voltar para a vontade de seu Criador, determinando a busca pela felicidade. A vontade de Deus não pode ser contrária à vontade mais pura do homem, encontrando-se nesta pureza a felicidade, por que a vontade mais pura vem do encontro com a vontade de Deus, pois Deus é puro e perfeito. Por isso que Agostinho antes de ser padre e bispo sempre se encontrou rendido a buscar a verdade, sendo esta a sua mais pura vontade, descobrindo, apenas, sua vida feliz na Verdade:

Deus criou o mundo visando essa bondade, isto é, o mundo é bom por este ato livre da sua vontade. O mundo tem razão de ser na bondade divina. Ora, é exatamente pela bondade divina que os entes, criados por Deus visando à sua bondade, participam na sua perfeição. (SANTOS, 2016, p. 34).

Portanto, aqueles que optam por se afastarem de Deus, afastam-se de sua essência, onde, não somente não será verdadeiramente feliz, como também não participará da alegria de experimentar o que vem do eterno, pois, não será livre, e sim, escravo de seus vícios e paixões (SANTO AGOSTINHO, 1993):

A liberdade se dá efetivamente com o domínio integral de nossos desejos e vontades, o conhecimento de si mesmo é, portanto, a ferramenta fundamental para a plena liberdade. A vontade é a mais importante faculdade humana, é ela que constitui o centro de nossa personalidade, eis a maior ferramenta que pode nos afastar de Deus e nos aproximar do mal, aí reside a fonte de todos os pecados. (AMARAL *et al*, 2012, p. 10).

A criação divina é portadora do bem, pois aquele quem a criou é o Bem por excelência, se não portassem o desejo do Bem, deixariam de existir (SANTO AGOSTINHO, 1996a):

Por isso, se são privadas de todo o bem, deixarão totalmente de existir. Logo, enquanto existem, são boas. [...] e pareceu-me evidentemente que criastes boas todas as coisas, e que certissimamente não existe nenhuma substância que Vós não criásseis. E, porque as não criastes todas iguais, por esta razão, todas elas, ainda que boas em particular, tomadas conjuntamente são muito boas, pois o nosso Deus criou “todas as coisas muito boas”. (SANTO AGOSTINHO, 1996a, pp. 187-188).

Percebe-se acima, que para Agostinho Deus criou todas as coisas, por Ele ser bom, sua criação também é boa, mas cada uma com um particular, ou seja, com um objetivo particular em sua natureza.

3.4.3 Consiste a infelicidade na carência?

Segundo Agostinho (1993), ou se é feliz ou infeliz. Como se explicar aqueles que possuem a Deus de forma benévola, por estar em busca d’Ele, e se encontram na indigência²², e dizem serem infelizes por possuírem uma necessidade? Diante disso, Mônica responde: “[...] que a infelicidade não é outra coisa senão carência²³.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 48). Será que a infelicidade consiste na carência? Com estes questionamentos Agostinho encerra o segundo dia de diálogo.

Este segundo dia se decorreu com o pensamento que todo ser humano possui a Deus, mas nem todos possuem-no de forma benévola, ou seja, não possuem a Deus como um amigo. Mas, será feliz aquele que possuir a Deus como um amigo. Então, como explicar aqueles que buscam a Deus e são infelizes, será a carência deles que os fará infeliz? Será a carência de sabedoria fruto da infelicidade?

3.5 Terceiro dia: a felicidade é plenitude espiritual

Antes de concluir o diálogo é importante ter compreendido e continuar compreendendo a influência socrática neste diálogo, juntamente com a semelhança entre Agostinho e Sócrates (469-399 a.C.).

A principal característica de Sócrates, enquanto filósofo, não era, expressamente, ensinar as pessoas. Dando-se a impressão que ele próprio queria

²² Entende-se aqui como indigência aquelas pessoas que não conseguem suprir suas necessidades básicas.

²³ Entende-se aqui como carência a privação e a falta de algo.

aprender com seu interlocutor. Quando “ensinava” ele provocava as pessoas ao diálogo e, sobretudo, debates diante do assunto abordado. (GAARDER, 1995). Como afirma Gaarder (1995, p. 80): “[...] Sócrates não teria se tornado um filósofo famoso se apenas tivesse prestado atenção ao que os outros diziam.” Sócrates, assim como Agostinho, iniciam a conversa desta forma:

[...] Geralmente, no começo de uma conversa, Sócrates só fazia perguntas, como se não soubesse de nada. Durante a conversa, frequentemente conseguia levar o interlocutor a ver os pontos fracos de suas próprias reflexões. Uma vez pressionado contra a parede, o interlocutor acabava reconhecendo o que estava certo e o que estava errado. [...] Sócrates achava, portanto, que sua tarefa era ajudar as pessoas a ‘parir’ uma opinião própria, mais acertada, pois o verdadeiro conhecimento tem de vir de dentro e não pode ser obtido “espremendo-se” os outros. Só o conhecimento que vem de dentro é capaz de revelar o verdadeiro discernimento. (GAARDER, 1995, p. 80).

Para Gaarder (1995), todos os indivíduos têm condições de entender as verdades filosóficas, por possuírem uma razão. Quando se toma conhecimento de algo, traz para fora aquilo que já está dentro de si, como se percebe em Sócrates, segundo Gaarder: “Sócrates forçava as pessoas a usar a razão. Sócrates era capaz de se fingir ignorante, ou de mostrar-se mais tolo do que realmente era. Chamamos isto de ironia socrática.” (GAARDER, 1995, p. 80).

Com este entendimento, pode-se continuar a conclusão do diálogo com o desfecho do dia anterior, em que Agostinho (1993, p. 48) lembra o que foi dito por sua mãe: “[...] que a infelicidade não é outra coisa senão carência.” Portanto, como decorrido no segundo dia, a carência de todo homem o leva para algo que o escraviza, suas paixões e vícios, e tudo aquilo que o escraviza o impede de viver sua liberdade, fazendo-o infeliz, pois não encontrou a verdade.

Para esclarecer a felicidade, Agostinho busca explicá-la a partir de seu contrário, ou seja, a infelicidade. Logo, surgem-se os questionamentos: aquelas pessoas que não padecem de necessidades nenhuma, são felizes? E todos aqueles que necessitam de algo, são infelizes?

Para tanto, Agostinho aponta a infelicidade e o meio-termo. Ele faz uma comparação entre o ser vivo e o ser morto. Entre essas duas dimensões não existe o meio-termo, ou se é uma coisa ou se é outra. Assim, também, a felicidade e a infelicidade. Todos os presentes concordaram que se é feliz ou é infeliz, não existindo meio-feliz ou meio-infeliz. (SANTO AGOSTINHO, 1993).

3.5.1 Conceitos estoicos sobre a sabedoria da vida

Entendendo que alguns no grupo não têm o conhecimento adequado para acompanhar tal raciocínio, Agostinho pensa em outra forma mais adequada de abordar esse assunto. Então, ele traz para o diálogo a filosofia estoica²⁴ na figura do sábio, relembra aos presentes a sabedoria e os conhecimentos de um sábio.

Apresentando esta figura, leva os presentes a compreender melhor a infelicidade. Uma pessoa encontra a sabedoria da vida na figura de um sábio²⁵, pois esse, consegue servir-se honestamente daquilo que tem, vivendo sem excessos, ou seja, praticando a virtude da alma.

No decorrer do diálogo Agostinho continua enaltecendo o sábio, ressaltando sua sabedoria optada pelas escolhas seguras e imutáveis, dignas de se por todo o olhar, não se deixando padecer por suas paixões e vícios.

O sábio será guiado por seus valores e sua sabedoria, sendo esses seus bens de maior valor, como afirma Agostinho (1996b, p. 118): “[...] o homem bom nem se envaidece com os bens temporais, nem se deixa abater com os males. Pelo contrário, o homem mal sofre na infelicidade, porque se corrompe na felicidade.”

Com efeito, quando o indivíduo se vê preso em suas paixões e vícios, e busca a felicidade, deve procurar seguir o exemplo do sábio. Com isto, conseguirá distinguir aquilo que o leva para próximo da felicidade e aquilo que lhe afasta.

3.5.2 Basta o gozo dos bens temporais para ser feliz?

Muitos desfrutam de bens passageiros e parecem serem infelizes, então surge o questionamento: adianta ter muitos bens materiais se todos poderão ser

²⁴ Os estoicos permanecem fieis aos seus princípios, mesmo estando diante de alguma situação delicada, sendo a virtude o único bem que leva para a felicidade.

²⁵ Para Agostinho: “A alma do sábio é perfeita: ora, ao que é perfeito nada falta. Ele se servirá de tudo o que for necessário a seu corpo, e estiver a seu alcance. E, caso contrário, a falta desses bens não conseguirá abatê-lo. Posto que a característica do sábio é ser forte, e o forte nada teme. Assim o sábio não teme a morte corporal, nem os sofrimentos que não consegue expulsar, evitar ou retardar, com a ajuda daqueles bens, de cuja posse pode acontecer ver-se privado. Entretanto, não deixará de se servir honestamente desses bens, caso os possua [...] Logo, o sábio evitará a morte e o sofrimento quando lhe for possível e conveniente. Deixando de o fazer, manifestar-se-ia como infeliz. Não por esses maléficos lhe serem funestos, mas porque tendo tido a possibilidade de os evitar, não o fez. Isso é sinal evidente de tolice. Desse modo, por não os ter evitado, sua infelicidade viria não pelo fato de sofrer, mas sim por sua própria estultícia. E ainda, caso o sábio não consiga evitar os males, após ter-se empenhado ativamente no limite do conveniente, esses mesmos infortúnios inevitáveis, ao abaterem-se sobre ele, não o tornaria infeliz.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 50).

alcançados pelas traças e pelas ferrugens, ou seja, que poderão passar? Chega-se à conclusão de que não se encontra a felicidade em tais bens, caso a vida mude de muito para pouco, de luz para escuro, sua felicidade se perderá junto:

Efetivamente, não pode deixar de ter infelicidade quem adora a felicidade, como se fosse um deus, e abandona o Deus doador de felicidade; como não pode deixar de ter fome quem lambe pão em pintura e não o pede a quem o tem de verdade. (SANTO AGOSTINHO, 1996b, p. 430).

Portanto, aqui mora o conhecimento de uma pessoa sábia. Aquela que sempre escolhe pelas coisas seguras e imutáveis, guiado por sua sabedoria. Então, aquela argumentação de Mônica é válida, a carência de sabedoria leva a infelicidade.

Na obra *Diálogo sobre o Livre Arbítrio*²⁶ (2001, p. 225) é explicado o caminho da infelicidade: “Infelizes os que deixam de se guiar por ti e vagueiam entre as tuas pegadas! Amam os teus acenos, em vez de te amarem a ti, e esquecem-se daquilo que significas, ó Sabedoria, luz suavíssima da mente purificada”, assim o homem se contenta com pequenas coisas que o traz uma falsa felicidade em vez da felicidade verdadeira.

3.5.3 A maior carência: a falta de sabedoria

No decorrer do diálogo Agostinho apresenta o personagem Orata de Cícero: “Possuía em abundância propriedades rendosas e amigos muito prestativos. Servia-se judiciosamente de tudo para seu bem-estar [...] Feliz sucesso coroava todos os seus empreendimentos e planos.” (SANTO AGOSTINHO, 1993. p. 51). E Mônica conclui:

Contudo não vejo, e ainda não compreendo bem, como se pode separar a indigência da infelicidade. Porque esse Orata ainda que fosse rico e, como dizíeis, nada ambicionasse a mais, acontece que pelo fato de temer a perda de todos os seus bens, encontrava-se na indigência. Faltava-lhe justamente a sabedoria. E, então haveríamos de declarar ser alguém indigente por lhe

²⁶ “O objetivo primordial do *Diálogo sobre o Livre Arbítrio* é esclarecer qual a origem do mal. O filósofo de Hipona discute com Evódio, cauta e diligentemente, um conjunto de argumentos, e **conclui que o mal tem origem no livre arbítrio da vontade**. Este *Diálogo*, afirma Agostinho, escreveu-se por causa daqueles que, atribuindo a Deus, criador de todas as naturezas, a origem do mal, negam que a causa deste seja o livre arbítrio da vontade. Defendendo uma ímpia e errônea opinião, os maniqueístas pretendem introduzir em Deus uma natureza má, imutável e coeterna.” (SANTO AGOSTINHO, 2001, p. 17, grifo nosso).

faltar dinheiro e riquezas e não por lhe faltar a sabedoria? (SANTO AGOSTINHO, 1993, pp. 52-53).

Desta forma, se entende a sabedoria de Mônica, sendo que os indigentes não sofrem a carência de não ter algo, mas sofrem a carência de sabedoria, pois todo o resto pode se perder. Sendo a sabedoria a condição para se buscar a felicidade tanto desejada. Como afirma Licêncio: “Posto que, de fato, a maior e mais deplorável indigência é a privação da sabedoria. Ao contrário, nada pode faltar a quem possui a sabedoria.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 53). Com efeito, nada falta para quem alcança a plenitude²⁷, a sabedoria: “[...] Logo, a sabedoria é plenitude, e a plenitude implica a medida. Portanto a medida da alma encontra-se na sabedoria.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 59).

Sendo a sabedoria a virtude da alma ela se faz necessária para se buscar a felicidade. Essa plenitude ajuda a discernir os excessos. Em seguida Agostinho (1993, p. 60) usa a fala de seu filho:

[...] sem se deixar seduzir por coisas vãs, sem se voltar mais para as aparências enganosas cujo peso arrasta e submerge em profunda objeção, tudo se desfaz, por estar ele abraçado a seu Deus (*amplexus a Deo suo*). Então, essa pessoa não teme mais a imoderação, nem carência alguma, e, por conseguinte, nenhuma infelicidade. Concluamos pois, que toda pessoa para ser feliz deve possuir sua justa medida, isto é, possuir a sabedoria.

A sabedoria será viver a virtude que está em entendimento com a natureza da alma, onde para se chegar à virtude é necessário a contemplação da Verdade, e a verdade é Cristo, sendo Cristo a sabedoria de Deus, como afirma Agostinho (1993, p. 60): “[...] aprendemos pela autoridade divina, que o filho de Deus é precisamente a Sabedoria de Deus (1Cor 1,24); e o filho de Deus, evidentemente, é Deus. Por conseguinte, é Feliz quem possui a Deus.” Então, Cristo passa a ser a verdade a ser buscada:

[...] a felicidade perfeita não é deste mundo, entretanto a contemplação nesta vida é um esboço da beatitude eterna. [...] Mas o que fazia Agostinho exultar de alegria era experimentar que já nesta terra é possível possuir certa participação antecipada dessa alegria do céu. Para ele, [...] o que provém do encontro da Verdade. [...] “Nenhum bem é perfeitamente

²⁷ Em Agostinho: “Vejam, pois, o que significa essa palavra ‘plenitude’. Nenhuma outra, penso eu, está mais próxima da verdade. Assim, plenitude e indigência são termos opostos. E aqui, como para intemperança e moderação (*nequitia et frugalitate*) [...] se a estultícia é indigência, a sabedoria será plenitude. E, com razão, muitos consideram a moderação (*frugalitatem*) como sendo a mãe de todas as virtudes.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 57).

conhecido se não for perfeitamente amado”. (SANTO AGOSTINHO, 1993, pp. 14-15).

Como se percebe, nesta vida terrena já é possível experimentar, antecipadamente, a felicidade. A perfeita felicidade está no perfeito conhecimento do Amado.

3.5.4 A verdadeira sabedoria é a Sabedoria de Deus

Em Agostinho (1993), a sabedoria é Jesus, que também é Deus. Pois foi Jesus Cristo, filho de Deus, que apresentou a verdade capaz de alcançar a felicidade: “Ora, a Verdade encerra em si uma Suma Medida (*Summum Modum*): da qual procede e à qual se volta inteiramente.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 60). É apenas possível chegar à verdade, se tiver em vista a felicidade, Agostinho (1993, p. 9) não concebe ser possível: “[...] a felicidade sem a verdade e vice-versa.”

Com efeito, a busca pela verdade é o desejo de Deus, o caminho até a felicidade. Como é expresso pelo próprio Cristo e fazendo-se presente no diálogo por Agostinho (1993, p. 60, grifo nosso): “Eu sou o caminho, **a verdade** e a vida (Jo 14,6).” Na obra *A Trindade*, Agostinho (2008b, p. 34) reafirmar a divindade do Filho de Deus diante da carta de São João:

[...] o apóstolo João na sua carta: Nós sabemos que veio o filho de Deus e nos deu a inteligência para conhecermos o verdadeiro Deus. E nós estamos no verdadeiro Deus, no seu filho Jesus Cristo. Este é o Deus verdadeiro e a vida eterna.

O ser humano sempre está indo ao encontro da sabedoria, pois sempre está indo ao encontro da felicidade, onde encontra sua essência. Então, a verdade passa a ser condição imprescindível para alcançar a sabedoria e, deste modo, a verdadeira felicidade. (SANTOS, 2016).

Cristo é a verdade, ainda não é dado, ao homem, todo o Seu entendimento em sua plenitude, pois o que se sabe foi o próprio Cristo quem revelou, por isso, sempre o homem O busca sem a clara certeza de sua plenitude total, pois sua alma anseia pelas coisas eternas. (SANTOS, 2016). Com base nas palavras de Jesus, a Sagrada Escritura traz desta forma: “Tudo me foi entregue por meu Pai e ninguém

conhece quem é o Filho senão o Pai, e quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.” (Lc 10, 22).

Agostinho (1984, p. 290) afirma: “Eu não sou o único, nem são poucos os que desejam ser felizes; mas todos sem exceção o querem. Se não conhecemos com precisão essa felicidade, não a desejaríamos com vontade tão firme.” A busca interior é a via para o transcendente e o único caminho para atingir o conhecimento pelo qual se alcança a felicidade, como visto na reflexão da memória.

A busca interior leva o indivíduo a olhar para si para encontrar a Verdade que habita dentro, encontrando a felicidade. Porém, deve tentar separar aquilo que é proveitoso para esta busca e aquilo que não é, ou, em outras palavras, aquilo que é alimento eterno para alma e aquilo que é alimento passageiro. Este separar é a sabedoria do sábio, como já visto.

O desejo pela felicidade leva o homem a querer percorrer o caminho da verdade, saciando-se apenas quando encontra a Verdade, nela está a verdadeira felicidade.

3.5.5 A verdadeira felicidade é a comunhão com a Trindade

No final deste diálogo Agostinho (1993) conclui que a perfeita e verdadeira felicidade está na comunhão com Deus:

Pois a perfeita plenitude (*satiety*) das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente:

- por quem somos guiados até a Verdade (o Pai);
- de qual Verdade gozamos (o Filho);
- e por qual vínculo estamos à Suma Medida (o Espírito Santo).

Nestes três elementos, aqueles que possuem o conhecimento e repelem as ilusões de várias superstições, reconhecem um só Deus e uma só Substância. (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 61).

Com efeito, o Pai revela a sua vontade para o Filho, e o Filho apresenta esta verdade para se chegar ao Pai, sendo o caminho, a verdade e a vida, e o Espírito Santo é a Suma Medida²⁸, pelo qual acende no homem o desejo para sua felicidade; mas Deus não força, deixa o ser humano livre para a escolha, consequentemente a busca pela felicidade se inicia no desejo do homem para ser alcançada.

²⁸ Segundo Agostinho: “[...] todo aquele que viver à Suma Medida pela Verdade, será feliz. E isso é possuir a Deus na alma, gozar de Deus.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, pp. 60-61).

Agostinho, Mônica e seus amigos ficam contentes com este final. E Mônica diz: “Eis, sem nenhuma dúvida, a vida feliz, e essa é a vida perfeita. Tenhamos confiança que poderemos ser levados a ela, prontamente, graças à fé sólida, à alegre esperança e à ardente caridade.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 62).

A esperança de encontrar esta verdadeira felicidade é o que mantém vivo a esperança de todo dia a buscá-la, quando chegar até o sonhado encontro dessa plenitude não mais precisará de esperança, pois já chegou a um encontro com o Eterno, e isso se perdura para sempre, é fruto do Espírito Santo. (SANTOS, 2016).

Já a vivência da caridade praticada não deixa o homem padecer e esquecer-se desta verdade pela qual é a geradora do contato com o Eterno. Essa vivência o faz ser humilde e viver com serenidade, como um verdadeiro sábio, sendo assim, capaz de se amar e amar o próximo, possuindo assim um coração puro, livre das impurezas do mundo, pois esta pureza é fruto do Espírito Santo. (SANTOS, 2016).

3.5.6 Término do diálogo

Segundo Agostinho (2008b), Deus chama o homem a segui-lo e é por Ele que o homem caminha:

Portanto, nossa ciência é Cristo e nossa sabedoria é igualmente Cristo. É ele que implanta em nós a fé nas realidades temporais e também na verdade das realidades eternas. É por ele que caminhamos até ele; e pela ciência que tendemos para a sabedoria. Sem nos afastarmos, todavia, do mesmo Cristo, no qual se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência (CI 2,3). (SANTO AGOSTINHO, 2008b, p. 432).

Portanto, a Verdade já habita no homem, ela já se faz presente em seu interior. Desta forma, termina o terceiro e último dia de diálogo, com a conclusão que existem os infelizes, que não se alimentam do alimento certo; os felizes, aqueles que se alimentam do alimento correto, mas sabem que não serão plenamente felizes na vida presente; e, existem os intermediários, os não felizes, que reconhecem a graça de Deus, mas não O possuem como amigo, porém o reconhecem como este o único caminho. A vida feliz é aquela pela qual o homem reconhece a sua necessidade de alimento certo, este alimento que é Deus. Buscando-O a todo custo, entram, assim, no caminho d’Ele em busca da verdade, retirando de si o espírito imundo.

3.6 A Verdade

O homem, na história, sempre procurou explicar a felicidade, muitos falharam, pois não encontraram a verdade. A felicidade e a verdade caminham juntas, onde não se pode viver bem escolhendo apenas uma. Compreende-se ao longo do trabalho que muitos homens buscam preencher seu vazio com aquilo que é externo, e quando se busca no passageiro não se preenche o vazio.

A preocupação na atualidade e na época de Agostinho, muitas vezes, está no próprio bem estar e não na verdade, o valor. Este bem estar é passageiro, porque se fixa totalmente nas coisas materiais a esperança da felicidade.

No pensamento de Agostinho percorrido até aqui: o homem anseia pela verdade que está em seu interior, aquilo pelo qual é o sentido de sua vida, e com esse sentido nada e nem ninguém pode tirar, pois é a Verdade eterna, Cristo, aquela que não muda e não passa.

Mesmo Agostinho sendo medieval seu pensamento continua muito atual. Com base no que foi demonstrado até aqui no pensamento de Agostinho, o terceiro capítulo acrescenta a obra *A Cidade de Deus* para explicar esta dualidade na sociedade humana. Esta obra mostra duas cidades: a daqueles homens que buscam a felicidade na cidade terrena e a daqueles que a buscam na cidade celeste. Desta forma, faz-se presente os pensamentos, contemporâneos, de Bento XVI e João Paulo II para complementar a reflexão acerca da busca pela felicidade no pensamento de Agostinho.

4 AGOSTINHO AOS HOMENS CONTEMPORÂNEOS

Agostinho viveu no período medieval, mas se percebe que suas inquietações chegam aos homens de todos os tempos. Neste capítulo se tratará o que a vida e o pensamento de Agostinho corroboram para os seres humanos da contemporaneidade.

Seus pensamentos, principalmente aqueles que estão em *Confissões*²⁹ e *A Cidade de Deus*³⁰, mostram não apenas Agostinho, mas, o trajeto de todos os seres humanos que se deparam com suas limitações e se veem distante da felicidade.

Com isto, se decorre o presente capítulo, refletindo o que Agostinho fala através de sua obra *A Cidade de Deus* para a contemporaneidade. Para corroborar na discussão, se tratará ainda alguns pensamentos de Bento XVI e João Paulo II.

4.1 *A Cidade de Deus*

A obra *A Cidade de Deus*³¹ contém 22 livros que retratam a cidade celeste, mundo espiritual, e a cidade terrena, mundo dos homens. Esta obra relata diversos assuntos com caráter apologéticos, sendo de cunho histórico, político, social, filosófico e teológico.

Esta obra expõe o grande conflito entre essas duas cidades. A cidade terrena se funda nos prazeres e vícios. A cidade celeste renuncia os prazeres terrenos e se dedica unicamente as verdades de Deus. Agostinho escreve esta obra para combater as heresias da sociedade de sua época, mas a obra torna-se pertinente até a contemporaneidade.

É uma obra vasta e de diversos problemas abordados, este trabalho de conclusão de curso fixa-se apenas com o que diz respeito à felicidade, para que,

²⁹ “[...] Todavia, hoje as *Confissões* de Santo Agostinho são muito lidas e, como são muito ricas de introspecção e de paixão religiosa, realizam em profundidade, agitam e comovem. E não só aos crentes. Ainda aqueles que, mesmo quando não tenha fé, pelo menos vão buscando uma certeza que lhes permita compreender-se a si mesmos, são aspirações profundas e seus tormentos, tiram proveito da leitura desta obra.” (JOÃO PAULO II, 1986, p. 2).

³⁰ “[...] [escrito] *A cidade de Deus* durante a Idade Média, merece certamente que se leia também em nossos tempos como exemplo e acicate para refletir melhor em torno às relações entre o cristianismo e as culturas dos povos.” (JOÃO PAULO II, 1986, p. 6, grifo nosso).

³¹ “Para tratar deste confronto entre fé e história, Santo Agostinho escreveu de 413 a 426 sua obra de maior influência: *DE CIVITATE DEI – A CIDADE DE DEUS*. É uma interpretação do mundo à luz da Fé Cristã. Trata-se da primeira teologia e filosofia da história.” (SANTO AGOSTINHO, 2006, p. 17, grifo do autor).

desta forma, se dê continuidade à pesquisa proposta sobre a busca pela felicidade inerente a todo homem, apresentada por Agostinho, sendo a posse de Deus como amigo.

Como visto anteriormente, as obras de Agostinho são para todos os tempos, em especial *A Cidade de Deus*³². Desta forma, Bento XVI (2008e, pp. 3-4) reafirma que as situações vivenciadas no tempo de Agostinho, são também, vivenciadas nos tempos de hoje:

Também hoje, como no seu tempo, a humanidade precisa se conhecer e sobretudo viver esta realidade fundamental: Deus é amor e o encontro com ele é a única resposta às inquietações do coração humano. Um coração habitado pela esperança, talvez ainda obscura e inconsciente em muitos dos nossos contemporâneos.

Com esta reflexão de Bento XVI, percebe-se que o eixo principal para que a humanidade encontre a felicidade está no interior. Observando nesse o desejo mais profundo, pois está a Verdade, em outras palavras, ali está Cristo. Assim sendo, segundo Bento XVI, no interior se encontra, também, o desejo de ser amado. Por isso pode-se dizer que encontrando essa verdade se encontra o amor.

Com efeito, os homens não sabem onde encontrar a verdade, mas sua alma anseia por ela. Desta forma, devem afastar do interior as coisas terrenas, aproximando-se daquilo que realmente é eterno e sem fim, diz Bento XVI (2010, p. 2) acerca de Agostinho:

Santo Agostinho foi um homem que nunca viveu com superficialidade; a sede, a busca inquieta e constante da Verdade é uma das características básicas da sua existência; mas não das "pseudo-verdades" incapazes de proporcionar uma paz duradoura ao coração, mas daquela Verdade que dá sentido à existência e é "a morada" na qual o coração encontra serenidade e alegria. Sabemos que o seu caminho não foi fácil: pensou encontrar a Verdade no prestígio, na carreira, na posse das coisas, nas vozes que lhe prometiam felicidade imediata; cometeu erros, sofreu tristezas, enfrentou insucessos, mas nunca desanimou, nunca se contentou com aquilo que lhe dava unicamente um indício de luz; soube olhar para o interior de si mesmo e percebeu-se.

³² Costa diz: "Mil e seiscentos anos nos separam, ou melhor, nos aproximam de Santo Agostinho (354-430), pois nenhum pensador é tão atual quanto ele. Basta lermos as suas obras. [...] Podemos dizer que as coisas mudaram desde os tempos de Agostinho, mas o homem continua sendo o mesmo, ou como ele mesmo disse, em sua obra *A Cidade de Deus*: **'O homem é sempre o mesmo, ainda que não seja sempre o mesmo'**." (COSTA, 1999, p. 9, grifo nosso).

Baseando-se nesta citação e no segundo capítulo, o grande naufrágio do homem acontece na busca de alimentos errados para a alma e muitos não desejam largar esses parasitas³³, encontrando-se assim um obstáculo para a felicidade. Como visto, não existe um meio termo para a felicidade, ou se encontra a felicidade ou se encontra uma falsa felicidade, que não saciará a alma. Agostinho compreendeu que: “[...] na sua inquieta busca, que não foi ele que encontrou a Verdade, mas a própria Verdade, que é Deus, o seguiu e o encontrou.” (BENTO XVI, 2010, p. 2). O desejo pela felicidade esta no interior e o ser humano passa a desejá-la a todo momento.

Em *A Cidade de Deus*, Agostinho combate as heresias que se apresentam nestes alimentos encontrados na cidade terrena, em especial, no culto dos deuses terreno. Como já visto, ele defende que a felicidade está no encontro com a Verdade, Cristo. Em outras palavras, não se encontra nos vícios e paixões do mundo terreno, onde é mutável. Desta forma, Agostinho (2000a, p. 1319) diz que essas cidades se divergem entre dois amores:

Dois amores fizeram as duas cidades: o amor de si até ao desprezo de Deus — a terrestre; o amor de Deus até ao desprezo de si — a celeste. Aquela glorifica-se em si própria — esta no Senhor; aquela solicita dos homens a glória — a maior glória desta consiste em ter Deus como testemunha da sua consciência; aquela na sua glória levanta a cabeça [...] aquela nos seus príncipes ou nas nações que subjuga, e dominada pela paixão de dominar — nesta servem mutuamente na caridade: os chefes dirigindo, os súbditos obedecendo;

Agostinho escreve este trecho, para falar como estava o império romano em sua época em relação à vida cristã, de um lado os rebeldes e do outro os servidores da verdade apresentado por ele. Contudo, as vicissitudes humanas continuam na história e os escritos agostinianos são pertinentes, contemporâneos, pois tratam do interior humano. Como afirma Bento XVI (2008b, p. 3): “[...] sinto-o como um homem de hoje: um amigo, um contemporâneo que me fala, que fala a nós com a sua fé vigorosa e atual.”

Nas duas cidades se percebe uma marcação do amor que as movem. Sendo conflitos interiores que as pessoas passam consigo mesmas. De um lado a vontade de Deus a viver o bem, e por outro lado, à vontade dominada pelo amor a si mesmo. (MADI, 2015).

³³ Colocados como: afetos mundanos, amor próprio, avareza, orgulho, paixões e vícios.

Quando o homem passa a viver segundo a carne inclina-se para a concupiscência, em buscar o prazer como fim supremo. Portanto, busca os vícios e paixões próprios, sendo o centro o amor a si mesmo, e não o amor a Verdade. (MADI, 2015).

Vindo ao encontro com a vida feliz, apresentada no capítulo antecedente, *A Cidade de Deus* apresenta uma busca que todo ser humano deseja encontrar, a vida feliz. Já, sobre a felicidade nos bens do tempo mutável, diz Agostinho (2000b, pp. 1881-1882):

Mas aqueles que julgaram que os bens e males últimos (*fines malorum et bonorum*) se encontram nesta vida, pondo o bem supremo (*summum bonum*) quer no corpo, quer na alma, quer simultaneamente num e noutra (para dizê-lo mais claramente: no prazer, na virtude ou num e noutra; na tranquilidade, na virtude, ou numa e noutra; no prazer e na tranquilidade simultaneamente, na virtude ou nestas duas últimas; nos bens primários da natureza, na virtude, - esses quiseram, na sua espantosa insensatez, ser felizes cá é tornar-se felizes por si próprios.

Como se percebe aqui, aqueles que julgam que os bens últimos se encontram nesta vida se enganam, o amor a si mesmo entra no centro. Desta forma, deixa os desejos desordenados antecederem a felicidade plena, longe da cidade celeste.

Na contemporaneidade se pode ver traços da cidade terrena, que influência ativamente em situações que colocam as pessoas em dificuldade com sua felicidade ou a falsa felicidade. Por exemplo: relação de dependência com o celular, as drogas, o consumo, entre outros; conduzindo o homem a uma perda de sua identidade³⁴, ou em outras palavras, do caminho para a plenitude da felicidade. Diante destas situações da contemporaneidade diz Fosse (2017, p. 51, grifo do autor):

O viver na *modernidade líquida* com a identidade sendo redefinida a todo instante, e os indivíduos vivendo a vida apenas em fragmentos onde a felicidade é buscada apenas para o determinado momento, onde a mesma acaba se tornando artificial, homens e mulheres perdem a autenticidade do seu ser, vivenciando de maneira alienada, onde não obtém mais uma vontade própria, sua vida passa a ser definida pelo que os demais querem e impõe, sendo tratados como um objeto, coisificados pela sociedade de consumidores. Sem perceber sua autenticidade, dá lugar a alienação.

³⁴ Bento XVI diz desta forma sobre a identidade: “Isto é importante: um homem que está distante de Deus está também afastado de si mesmo, alienado de si próprio, e só pode reencontrar-se encontrando-se com Deus. Assim chega também a si, ao seu verdadeiro eu, à sua verdadeira identidade.” (BENTO XVI, 2008c, p. 2).

Portanto, entende-se que o desafio do homem contemporâneo está em escapar dessa alienação movida pela cidade terrena que os torna incapazes de habitarem na cidade celeste, devendo transcender sua condição. Como diz Bento XVI (2008c, p. 2): “[...] no homem interior habita a verdade; e se achares que a tua natureza é alterável, transcende-te a ti mesmo.” Para que com essa transcendência se volte para o caminhar da cidade celeste.

Com efeito, o homem não deve sair de si, deve-se sempre voltar para si, pois é no interior que habita a verdade (SANTO AGOSTINHO, 1984). Essa transcendência ocorre com a esperança e segurança que a felicidade se dá enquanto dom específico de Deus.

Caso se pergunte às pessoas: onde está sua felicidade? Muitas vezes, olharão para o futuro, em alguns casos, em coisas que se conquistará. Porém, o futuro é apenas expectativa e, logo será passado, colocando em perigo um futuro que nunca chegará. Mas, deve-se buscar a cidade celeste já no presente, com diz Agostinho (1984), sendo em seu interior o presente, e seu futuro e passado, movidos pelo presente, logo, a felicidade que mora na cidade celeste deve ser desejada no presente. Mas, Bento XVI (2010, p. 2) diz:

Isto é válido também no nosso tempo: por vezes sente-se uma espécie de receio do silêncio, do recolhimento, do pensar nas próprias ações, no sentido profundo da própria vida, muitas vezes prefere-se viver só o momento, iludindo-se que traga felicidade duradoura; prefere-se viver com superficialidade, sem pensar; tem-se medo de procurar a Verdade ou talvez receia-se que a Verdade nos encontre, se apodere de nós e mude a vida, como aconteceu com Santo Agostinho.

A felicidade que o homem deposita no momento, colocando na base a cidade terrena, busca, muitas vezes, um querer momentâneo, pois sua esperança está depositada na ignorância e fraqueza, que não se chega à verdade. Como diz João Paulo II (1984, p. 11): “Ignorância e fraqueza são os obstáculos que é preciso superar para poder respirar a liberdade.” Desta forma, a ignorância e a fraqueza do ser humano não pode impedi-lo de chegar à cidade celeste, a verdadeira felicidade.

4.1.1 As duas cidades: Terrena e Celeste

As duas cidades iniciaram, para Agostinho (2000a), desde o começo da humanidade com os primeiros homens: “[...] no primeiro homem criado tiveram

origem, juntamente o gênero humano, duas sociedades, como que duas cidades.” (SANTO AGOSTINHO, 2000a, p. 1154).³⁵ Assim sendo, a cidade terrena se caracteriza pela forma que os homens buscam apenas o amor a si mesmo. Agostinho retrata que a cidade terrena segue os passos da desobediência cometidos por Adão, Eva, Caim e Abel, homens bíblicos:

O primeiro fundador da cidade terrestre foi um fraticida; vencido pela inveja, matou seu irmão, cidadão da cidade eterna e peregrino nesta Terra. Não é, pois, de admirar que, muito mais tarde, quando da fundação da cidade que viria a ser a cabeça desta cidade terrestre de que falamos e a reinar sobre tantos povos, se tenha produzido uma imagem deste primeiro exemplo. (SANTO AGOSTINHO, 2000a, p. 1335).

Como se abrange neste trecho, Agostinho recorda que essas duas cidades são reflexo dos primeiros cidadãos do mundo. Desta forma, estes comportamentos perpetuam o tempo, chegando até a contemporaneidade.

Agostinho (2000a) cita, por exemplo, Remo e Rômulo, ambos habitantes da cidade terrena, onde lutaram entre si pelo poder que não queriam dividir: “Roma foi, na verdade, fundada no dia em que Remo foi morto por seu irmão Rômulo, como atesta a história romana” (SANTO AGOSTINHO, 2000a, p. 1335). Com este apanhado histórico Agostinho quer fazer menção às duas cidades, que estão presentes desde sempre.

Agostinho (2000a, p. 1336), fala sobre a divisão da cidade terrena com a celeste: “O que surgiu entre Remo e Rômulo mostra, pois, até que ponto a cidade da Terra se divide contra si mesma; mas o que surgiu entre Caim e Abel demonstra as inimizades entre as duas cidades — a de Deus e a dos homens.” Importante esta caminhada pela história que Agostinho fez, diante disso, se compreende esta inimizade entre as cidades.

Deve-se compreender que o escrito da *A Cidade de Deus* é de caráter apologético. Desta forma, Agostinho sempre faz menção a anjos (homens bons que buscam a verdade) e anjos maus (que não buscam nutrir-se de alimentos

³⁵ Assim diz São Paulo acerca dos homens terrestre e celeste: “Por isso está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente; o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual vem depois. O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre; o segundo homem vem do céu. Foi tal homem terrestre, tais são também os terrestres. Tal foi o homem celeste, tais serão os celestes. E, assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste.” (1Cor 15, 45-49).

imutáveis). O que acontecia com Abel e Caim acontece na sociedade de Agostinho e nos tempos de hoje.

Essas lutas que acontecem entre anjos bons e maus, cristão e pagão, defensores de uma verdade que nem sempre é verdade, sendo para defender aquilo que cada ser humano acredita como sua verdade. Indo além, acredita como sendo a felicidade.

4.1.2 A busca pela felicidade na obra *A Cidade de Deus*

No início do livro X, Agostinho (2006, p. 369) diz:

É pensamento unânime de todos quantos podem fazer uso da razão que todos os mortais querem ser felizes. Mas quem é feliz, como tornar-se feliz, eis o problema que a fraqueza humana propõe e provoca numerosas e intermináveis discussões, em que os filósofos gastaram tempo e esforços, discussões que não quero, em absoluto, relembrar e em que não quero deter-me agora. Evito as digressões inúteis. Com efeito, se o leitor se lembra do que no livro oitavo afirmei a respeito da escolha dos filósofos com quem se poderia discutir a questão da felicidade da vida futura, a saber, se o culto ao único verdadeiro Deus, criador dos próprios deuses, deve conduzir-nos a ela ou se é preciso ainda, para pretendê-la, adorar e servir vários deuses, não espere que o repitamos agora, pois nova leitura pode remediar esquecimento ou vir em auxílio da memória. Escolhemos os platônicos, sem dúvida os mais eminentes dos filósofos, em especial, porque, havendo reconhecido que a alma do homem, embora imortal e racional ou intelectual, não poderia, sem a participação da luz de Deus, seu autor e autor do mundo, ser feliz, negam que à felicidade a que todos os homens aspiram ninguém pode chegar, caso amor casto e puro não o una ao Deus sumamente bom, que é o Deus imutável.

Este trecho reflete essa busca da felicidade na cidade celeste, onde habita Deus, o Ser Sumamente Bom, onde estará a felicidade do homem, através do amor. E com isso, igualmente, diz Bento XVI (2008e, pp. 3-4) acerca desse amor: “Também hoje, como no seu tempo, a humanidade precisa se conhecer e, sobretudo viver esta realidade fundamental: Deus é amor e o encontro com ele é a única resposta às inquietações do coração humano.” Muitos tentaram encontrar a felicidade, mas pararam em discussões que não mostravam o caminho da verdade. Essa resposta que todos buscavam encontrar, já é certa dentro de cada pessoa.

Entrando no campo da razão, onde a filosofia se faz presente para que se possa explicar a felicidade, Agostinho (2000b, p. 1865) diz:

Já que me vejo na obrigação de tratar agora dos fins devidos às duas Cidades, isto é, à Celeste e à Terrestre, devo começar por expor, na medida em que o permitirem os limites impostos pelo plano desta obra, os fundamentos sobre os quais os mortais procuram construir a sua felicidade na infelicidade desta vida. Desta maneira se tornará mais clara a diferença que se separa a nossa esperança (aquela que Deus nos deu) dos seus bens sem conteúdo, mas também a diferença que separa o cumprimento dessa esperança (isto é, a verdadeira felicidade que ele nos proporcionará) desses bens sem conteúdo. Apoiar-me-ei, não apenas na autoridade divina, mas também na razão – o que me permite por causa dos descrentes.

Para poder explicar a felicidade Agostinho se apoia não somente na fé, mas também na razão, para que assim se possa chegar à felicidade. Rebatendo que muitos buscaram encontrar sua felicidade na infelicidade, como no exemplo da fundação de Roma, decide colocar às claras as verdades que encontrou com a razão sob a fé. Continua dizendo Agostinho (2000b, p. 1870):

Na verdade, para o homem, nenhuma outra razão para filosofar existe se não a de ser feliz. Mas o que o torna feliz é o bem último (*finis boni*). Não há, pois, outra razão para filosofar senão o bem último – e é por isso que se não pode denominar filosófica a tendência que nenhum bem supremo busca. Quando, portanto, se pergunta, a propósito da vida social, se o sábio deve praticá-la para nela procurar e realizar o bem supremo (*summum bonum*) do seu amigo como seu próprio bem, bem pelo qual se torna feliz, ou se, ao contrário, tudo o que fizer deve fazê-lo apenas por causa da sua felicidade própria.

Não existe outra resposta para o porquê de filosofar senão para encontrar a felicidade. Portanto, o bem último só se é encontrado na cidade celeste, Naquele onde está a plenitude da felicidade.

Para Agostinho (2000b), o mal encontrado na cidade terrestre deve ser evitado pelo fato de ser o mal supremo, e o bem, da cidade celeste, deve ser buscado pelo fato de ser o bem supremo:

Acerca dos bens e males supremos (*de finibus bonorum et malorum*), muitas coisas e de muitas maneiras discutiram entre si os filósofos. Pondo nesta questão a máxima atenção, têm eles procurado encontrar o que poderá tornar o homem feliz. Ora o nosso último (supremo) bem é aquele por causa do qual os demais devem ser desejados, mas ele próprio deve ser desejado por causa de si próprio – e o último mal (mal supremo) é aquele por causa do qual todos os demais devem ser evitados, mas ele próprio deve ser evitado por causa dele próprio. Nós agora chamamos bem final, (=último bem, bem supremo, *finem boni*), não àquilo por que o bem se aniquila a ponto de não mais existir, mas àquilo por que ele deixa de ser, mas àquilo pelo qual consome o seu nada. Estes fins, (limites, pontos extremos) são pois o sumo bem e o sumo mal. (SANTO AGOSTINHO, 2000b, pp. 1865-1866).

Como apresentado acima, é nesta vida temporal que o ser humano se depara com o supremo mal e o supremo bem, para que assim, se possa escolher pela felicidade verdadeira, mediante a sua liberdade de escolha entre uma ou outra. Se o fim último for mal, não encontrará outra resposta se não a do amor próprio, mas se deve buscar como o fim último o bem. Neste bem está depositada a vida feliz, que cada ser humano almeja encontrar.

Mesmo o homem querendo o bem supremo, ainda se depara com a cidade terrena, passando a entrar em conflitos interiores buscando querer viver a verdade e não conseguindo, pois já está moldado sobre suas próprias escolhas, como diz São Paulo Apóstolo (Rm 7, 19): “[...] Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero.” E também Agostinho (1984, p. 221): “[...] sempre eu. Não tinha uma vontade plena, nem decidida falta de vontade; daí a luta comigo mesmo, deixando-me dilacerado.” Sendo, portanto, travado uma luta interior consigo mesmo.

Aqueles bens que foram doados por Deus para os homens, devem ser buscados e desejados pelos seus fins últimos, mas estes fins não devem ser confundidos, pois se foram doados pelo Supremo Bem são bons. Quando se busca esses bens doados é pelo fato de se alcançar o Bem Superior. E a verdade que está em Jesus, deve ser buscada pelo fato de ser a verdade, sendo assim, ela se basta para ser buscada. (SANTO AGOSTINHO, 2000b).

Portanto, esta falta de autonomia que o homem se depara é fruto de seu querer, pois um dia escolheu os bens da cidade terrestre para sua busca pela felicidade. Essa busca tornou-se um hábito passando a ser uma necessidade que o escraviza, onde nem mais o auxílio de sua razão irá ajudá-lo em sua vontade. Uma vez que a vontade já está impregnada nos vícios e paixões, para desvincular-se, será muito dificultoso. (SANTO AGOSTINHO, 1984). Em algumas falas, Agostinho (1984, p. 271), em *Confissões*, reflete como saiu do difícil combate interior para encontrar a felicidade:

Mas o que amo eu quando te amo? Não uma beleza corporal ou uma graça transitória, nem o esplendor da luz, tão cara a meus olhos, nem as doces melodias de variadas cantilenas, nem o suave odor das flores, dos unguentos, dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão suscetíveis às carícias carnis. Nada disso eu amo, quando amo o meu Deus.

A partir desta superação pessoal, em relação às coisas e pessoas, Agostinho consegue vislumbrar outra realidade, além do material, pois a luz divina iluminará seu intelecto, como diz:

E contudo amo a luz, a voz, o perfume, o alimento, o abraço do homem interior que habita em mim, onde para a minha alma brilha uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não destrói, de onde exala um perfume que o vento não dissipa, onde se saboreia uma comida que o apetite não diminui, onde se estabelece um contato que a sociedade não desfaz. Eis o que amo quando amo o meu Deus. (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 271).

Com esta liberdade que Agostinho apresenta em *Confissões*, se compreende que encontrou a verdade interior. Com isto se conclui que: quando o homem tem o desejo de mudar e a coragem de olhar para o seu interior, escolhendo pela cidade celeste, torna-se livre interiormente para buscar a felicidade, como diz João Paulo II (1984, p. 2): “[...] homens sedentos de verdade e conscientes de seus próprios limites, tem se encontrado e seguem encontrando a si mesmos.” Sendo este encontro um dos mais importantes e decisivos para o homem, esse encontro interior, que é livre para viver a felicidade, pois sabe conscientemente onde encontrá-la.

4.2 A verdade sob a luz da fé e da razão

A tendência do homem é buscar o bem, porém, muitas vezes faz opção obscura enquanto se trata desse bem, como diz Silva (2007, p. 47):

A tendência natural à felicidade significa a busca espontânea do bem. Não é preciso, no contexto da ética agostiniana, afirmar que a felicidade consiste em procurar o bem e evitar o mal, pois todo objeto de desejo humano aparece, por definição, como bem. E não apenas aparece, como de fato é, já que, num universo perfeito em seu gênero, todas as coisas são boas. Mas como há bens relativos, além do Bem Absoluto, o erro moral consiste em tomar como absoluto um bem relativo. Posso fazê-lo devido ao livre-arbítrio. Quando isso acontece, homem se empenha em buscar a felicidade no plano dos bens relativos, aqueles que devem ser usados, não fruídos e muito menos amados. Isso acontece porque há uma pluralidade de bens, o que enseja a confusão entre relativo e absoluto.

Uma vida feliz, enquanto plenitude, só pode vir perante a busca pela verdade, ou em outras palavras, aquilo que une o homem a esta busca, segundo Agostinho, é

o amor. O ser humano deixa de amar quando troca o Absoluto pelo relativo, tendo por consequência à infelicidade. (SILVA, 2007).

O encontro com a verdade se torna o encontro consigo mesmo, e com o próprio Ser Absoluto, desta forma, caminha para uma vida feliz em sua plenitude. Este encontro se concebe no interior, que para Agostinho, será o mais íntimo interior. Desta forma se da à transcendência para Deus. (SILVA, 2007).

Segundo Silva (2007), existe uma identidade no encontro da alma com a felicidade inclinando-se para a ordem divina, sendo a sabedoria e felicidade em desfrutar desta beatitude que é esta ordem, em outras palavras, desfrutar da cidade celeste.

Se o desejo pela felicidade é o mesmo entre os seres humanos, por que sua escolha pela vida feliz se difere?

No pensamento desenvolvido ao longo dos capítulos se percebe que o desejo pela felicidade é o mesmo, porém, este caminhar que todo ser racional irá percorrer difere devido sua escolha pela verdade:

Se perguntarmos a dois homens se querem fazer o serviço militar, pode acontecer que um responda que sim e o outro diga não. Mas se lhes perguntarmos se querem ser felizes, ambos responderão imediatamente, sem hesitação, que o querem. E quando um aceita o serviço militar e o outro o rejeita, assim fazem para ser felizes. E, embora um tenha prazer numa determinada condição, e outro noutra, estarão todos de acordo em querer ser felizes, como também estariam se lhes fosse perguntado se desejam a alegria: é justamente a alegria que chamamos de felicidade. Ainda que este siga por um caminho e aquele por outro, ambos se esforçam por chegar a um só fim, que é alegrarem-se. Como ninguém pode dizer que nunca experimentou alegria, ela é encontrada na memória, e é reconhecida sempre que ouve a palavra “felicidade”. (SANTO AGOSTINHO, 1984, pp. 290-291).

Neste exemplo de Agostinho pode se perceber a escolha de cada ser humano. Todo ser racional tem o desejo mais puro, aquele que faz seu coração arder, fazendo-o buscar incansavelmente a verdade para sua inquietude, aquela que quando é encontrada o faz encontrar a vida feliz, onde espera alegremente pela cidade celeste. (SANTO AGOSTINHO, 1993). Sendo desta maneira que Agostinho (1984) encontrou seu coração quieto quando repousou em Deus.

Mas, ainda assim, a procura da felicidade se dá conforme a natureza, porque cabe ao intelecto conceber os fins e à vontade, alcança-los. Quando a razão detém diante das condições sobrenaturais requeridas para a plena realização espiritual do homem, ela não entra em contradição consigo

mesmo nem com a fé, à qual cabe fornecer os parâmetros que orientarão a vida ética em direção à transcendência. É a razão que escolhe os meios; é a vontade que executa as escolhas. No entanto, intelecto e vontade estão dirigidos ao fim sobrenatural, que por si mesmos não poderiam atingir. É preciso que interfira a graça de Deus. (SILVA, 2007, p. 50).

Para João Paulo II (1998), por muito tempo, com a ajuda da razão³⁶, o homem conseguiu dar razão para a voz que está em seu interior através da literatura, música, escultura, entre outras; essas formas ajudaram a colocar para fora aquilo que já estava dentro, esta ansiosa procura. Como diz Agostinho (1984), ninguém fica indiferente quando se trata da verdade do seu saber. É considerado que o ser humano alcançou a vida adulta, quando souber discernir, com seus próprios meios, aquilo que é verdadeiro e aquilo que é falso, desta forma, irá formar sua própria opinião sobre a realidade das coisas. (JOÃO PAULO II, 1998).

A partir do momento que o ser humano age baseando-se no agir ético, mediante sua liberdade, ele entra na estrada da felicidade e caminha para a perfeição, plenitude da felicidade. (JOÃO PAULO II, 1998).

Esta plenitude da felicidade que João Paulo II retrata foi refletida por Agostinho e sua mãe, que travaram um colóquio sobre a verdade a ser encontrada, episódio relatado pelo pensador como Êxtase em Óstia:

Falávamos a sós, muito suavemente, esquecendo o passado e avançando para o futuro. Tentávamos imaginar na tua presença, tu que és a verdade, qual seria a vida eterna dos santos, aquela que 'os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, e o coração do homem não percebeu'. Abriam-se os lábios do coração à corrente impetuosa da tua fonte, fonte de vida que está em Ti, para que, aspergidos por ela, nossa inteligência pudesse meditar sobre tão grande realidade. Nossa conversa chegou à conclusão de que o prazer dos sentidos do corpo, por maior que seja e por mais brilhante que seja esta luz temporal, não é digno de ser comparado à felicidade daquela vida, nem mesmo é digno de ser mencionado. Elevando-nos com o mais ardente amor ao próprio Bem, percorremos gradualmente todas as coisas corporais até o próprio céu, de onde o sol, a lua e as estrelas iluminam a terra. E subíamos ainda mais ao interior de nós mesmos, meditando, celebrando e admirando as suas obras. E chegamos assim ao íntimo de nossas almas. Indo além, atingimos a região da inesgotável abundância, onde nutres eternamente Israel com o alimento da verdade, e onde a vida é a própria Sabedoria pela qual foram criadas todas as coisas que existiram, existem e hão de existir, pois a Sabedoria mesma não é criada, mas existe como sempre existiu e como sempre há de existir. Antes, nela não há passado nem futuro, pois simplesmente 'é', por ser eterna. Ter sido e haver

³⁶ Em Agostinho, segundo João Paulo II: "Chegou a compreender que a razão e a fé são forças destinadas a colaborar para conduzir o homem ao conhecimento da verdade, e que cada qual tem um primado próprio: a fé, temporal; a razão, absoluto – Compreendeu que a fé para estar segura, requer uma autoridade divina, que não é mais do que a fé em Cristo, sumo Mestre – disto Agostinho não havia duvidado nunca." (JOÃO PAULO II, 1986, p. 3).

de ser não são próprios de Ser Eterno. [...] No entanto, Senhor, tu sabes como neste dia, durante esse colóquio, o mundo, com todos os seus prazeres, perdia para nós todo valor. (SANTO AGOSTINHO, 1984, pp. 251-252).

Como se percebe, Agostinho e sua mãe vivenciaram nesta vida a experiência da cidade de Deus. Para Agostinho (1993), a felicidade plena não é encontrada neste mundo, como ele diz: “[...] a contemplação nesta vida é como um esboço da beatitude eterna.” (SANTO AGOSTINHO, 1993, p. 14). Sendo, portanto, apenas a Verdade a fonte para saciar a inesgotável sede de beatitude do homem. (SANTO AGOSTINHO, 1993).

Para João Paulo II (1998), quando se entra na estrada da verdade se deve ter a obrigação de continuar. O Êxtase em Óstia, junto com o apresentado até aqui, demonstra esta obrigação de se caminhar na verdade. Mônica confirma isso quando relatou:

Meu filho, nada mais me atrai nesta vida; não sei o que estou fazendo aqui, nem por que estou ainda aqui. Já se acabou toda esperança terrena. Por um só motivo eu desejava prologar à vida nesta terra: ver-te católico antes de eu morrer. Deus me satisfaz amplamente, porque te vejo desprezar a felicidade terrena para servi-lo. Por isso, o que é que estou fazendo aqui? (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 253).

Com este episódio e no apresentado até aqui, se pode dizer, que Mônica experimentou a vida feliz, pois seu coração estava quieto, porque repousou na Verdade encontrada por ela.

Quando o valor da verdade é encontrado e o homem, decide em segui-lo, se chega à cidade celeste proposta por Agostinho, porque buscou saciar aquele desejo interior pela felicidade. Com base na verdade, neste valor absoluto, não se deve fechar-se no amor próprio, em “valores” narcisistas que afastam a felicidade. Quem fará a escolha pelo bem e pelo mal será a própria pessoa que se depara com seu desejo e tem a condição de escolher o caminho a ser trilhado. Com isto diz João Paulo II (1998, p. 32):

Por isso, é necessário que os valores escolhidos e procurados na vida sejam verdadeiros, porque só estes é que podem aperfeiçoar a pessoa, realizando a sua natureza. Não é fechando-se em si mesmo que o homem encontra esta verdade dos valores, mas abrindo-se para a receber mesmo de dimensões que o transcendem. Esta é uma condição necessária para que cada um se torne ele mesmo e cresça como pessoa adulta e madura.

João Paulo II (1998) relata que todo homem se deve perguntar: A minha vida tem um sentido? Para onde a minha vida se dirige? Desta forma, continua dizendo que o ser humano, com a ajuda da filosofia, precisa olhar para além da morte. E para cada uma das explicações encontradas, deve-se dizer: “[...] subjaz sempre vivo o desejo de alcançar a certeza da verdade e do seu valor absoluto”. (JOÃO PAULO II, 1998, p. 33). A esta reflexão de João Paulo II vem ao encontro com o pensamento de Agostinho acerca das suas duas cidades.

Quanto às verdades filosóficas, é necessário especificar que não se limitam só às doutrinas, por vezes efêmeras, dos filósofos profissionais. Como já disse, todo o homem é, de certa forma, um filósofo e possuiu as suas próprias concepções filosóficas, pelas quais orienta a sua vida. De diversos modos, consegue formar uma visão global e uma resposta sobre o sentido da própria existência: e, à luz disso, interpreta a própria vida pessoal e regula o seu comportamento. É aqui que deriva colocar-se a questão da relação entre as verdades filosóficas-religiosas e a verdade revelada em Jesus Cristo. (JOÃO PAULO II, 1998, p. 35).

Com efeito, com base nesta fala de João Paulo II, percebe-se que todo ser pensante tem o carácter filosófico e, com sua razão, consegue se questionar sobre a sua existência e de suas verdades.

Segundo João Paulo II (1998), muitos homens vivem suas crenças, acreditando em “verdades” ditas por outros. Porém, seu coração fica quieto quando encontra somente a Verdade. Como diz João Paulo II (1998, p. 37): “O homem por natureza, procura a verdade [...] uma verdade superior, que seja capaz de explicar o sentido da vida”. Em Agostinho se percebe que é Cristo esta verdade. Com base nesta verdade superior, coloca João Paulo II (1998, p. 39):

Aquilo que a razão humana procura ‘sem conhecer’ (cf. At 17,23), só pode ser encontrado por meio de Cristo: de fato, o que nele se revela é a ‘verdade plena’ (cf. Jo 1, 14-16) de todo o ser que, nele e por ele foi criado e, por isso mesmo, nele encontra a sua realização (cf. Cl 1, 17).

Com isto João Paulo II se junta a Agostinho, quando conclui que a verdade é Cristo, sendo nesta verdade que se revela a felicidade. E Bento XVI (2010, p. 2) deixa um aviso para toda a contemporaneidade, baseando-se nos pensamentos de Agostinho:

Queridos irmãos e irmãs, gostaria de dizer a todos, também a quem se encontra num momento de dificuldade no seu caminho de fé, a quem

participa pouco da vida da Igreja ou a quem vive "como se Deus não existisse", que não tenhais medo da Verdade, nunca interrompais o caminho para ela, nunca cesseis de procurar a verdade profunda sobre vós próprios e sobre as coisas com os olhos do coração. Deus não deixará de doar Luz para fazer ver e Calor para fazer sentir ao coração que nos ama e que deseja ser amado.

Não se pode negar a verdade que existe no interior de cada ser humano e, não se deve ter medo de buscá-la, do contrário, viverá na mentira sobre a si mesmo.

Todos os homens, independente da época, se deparam com suas limitações, preferindo, muitas vezes, por suas paixões e vícios ou o amor próprio, mesmo, diante destas situações, não se deve ter medo de buscar a Verdade, pois nela está a verdadeira felicidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho contemplou a abordagem da busca pela felicidade em Agostinho de Hipona, através de suas obras. Nesta perspectiva, o primeiro capítulo possibilitou situar a felicidade partindo do querer do homem, que está em seu interior, e a partir deste querer, precisa-se buscar um conhecimento suficiente para iniciar esta busca da qual, Agostinho, apresenta a memória como possibilidade de abertura a isso. Importante ressaltar, é que as pessoas quando se deparam com a palavra felicidade, logo, se despertam interiormente no desejo por ela, desta forma, se compreende que não deseja algo que já não conhecia.

Mostrou-se também, que serão felizes somente aqueles que caminham nos bens eternos. Partindo disso, o caminho que nem todos desejam será o único verdadeiro caminho para a felicidade, a qual ninguém consegue alcançar se não o quiser, fazendo-se necessária a junção entre fé e razão, sintetizando-a neste axioma agostiniano: “*Credo ut intelligam et intelligo ut credam!*”³⁷

Para se compreender melhor o pensamento agostiniano acerca da felicidade foi mostrado, no segundo capítulo, que todos os homens a desejam, mas aquela que não passa, colocada como bem eterno, Deus. Todos os seres humanos O possuem, porém somente aquele que possui-O como amigo será feliz, ou seja, apenas aqueles que tiverem intimidade e a mantiverem em sua vida poderão viver uma vida feliz, sendo os infelizes aqueles que nutrem a alma do alimento errado.

Já no terceiro capítulo se percebe que existem duas cidades que se perpetuam no tempo. Desta forma, quem pode escolher em qual cidade viver será o próprio homem. Bento XVI, afirma que este pensamento de Agostinho é válido para a contemporaneidade, e a verdade buscada por Agostinho vem ao encontro com a verdade proposta por João Paulo II.

Este trabalho demonstrou que o pensamento de Agostinho tem origem platônica, logo, ele parte do dualismo corpo e alma. Assim, como o corpo precisa de alimento para ser saudável a alma precisa, também, de seu alimento. Ela, sendo eterna, precisa de alimento eterno, que será Deus. Todo homem tem uma alma que precisa ser saciada, existindo o desejo inerente deste alimento eterno, que para Agostinho se vem com a posse de Deus como amigo, e com esta posse se encontra

³⁷ Tradução nossa: “Creio para entender e entendo para crer!”

a felicidade. O ser humano se depara sempre com suas limitações e escolhe, muitas vezes, pelos seus vícios e paixões, alimento errado. Para se desprender destas amarras internas será dificultoso, como se mostrou no decorrer da vida de Agostinho.

A busca pela felicidade passa por escolhas que devem ser guiadas pela razão. Quando o homem olha para seu interior perceberá que existe um vazio para ser preenchido. Este vazio é inerente a todo ser humano, sendo seu desejo pela felicidade, que será alcançada somente quando encontrar a Verdade imutável. A plenitude da felicidade se dá na contemplação desta Verdade, que para Agostinho é Cristo. Nesta vida já será possível, experimentar a felicidade, ao menos como uma fagulha, tendo a posse de Deus como amigo.

Pode-se concluir que todo ser humano, independente da época, deseja a felicidade, e com este desejo busca encontrá-la, porém, não compreende que devem viver uma vida desprovida de excessos, para se alcançar a felicidade. Nesta perceptiva, se pode dizer que Agostinho superou os limites de seu tempo em suas reflexões e escritos, mesmo tendo vivido no período medieval suas reflexões e escritos são atuais. Percebe-se que muitas de suas inquietações perante a busca da felicidade acontecem no século XXI. Os pensadores agostinianos acerca da felicidade podem responder muitas inquietações na contemporaneidade, como se decorre o terceiro capítulo com Bento XVI e João Paulo II.

Tendo alcançado os objetivos propostos, abre-se também, a possibilidade de olhar para tempos de outrora e perceber que muitas das indagações do passado, continuam. Com isto, surgem possibilidades futuras de reflexão, a partir da felicidade em Agostinho, como: o aprofundamento interior de cada homem, estudo sobre a felicidade experimentada nesta vida, a importância da felicidade refletida nos escritos de tantos pensadores.

Ressalta-se que a filosofia de Agostinho é bastante vasta e amplamente traduzida para o português, principalmente: nas áreas teológicas, filosóficas, da música e da educação. Mas, as que contêm o teor filosófico da felicidade, como deste trabalho, são densas, amplas e profundas. Desta forma, foi-se necessário analisa-las cuidadosamente para que não se caminhasse para um campo extremamente teológico, apesar de ser impossível falar de Agostinho sem permanecer-se em sua teologia, mesmo sendo um grande filósofo. Mas, como se

percebe em seus escritos, não se é possível separar de Agostinho suas realidades inerentes: filosóficas, teológicas, pastorais e místicas.

Destaca-se, que este trabalho suscita uma possibilidade de reflexão nos leitores acerca da verdadeira felicidade, atribuindo-o possibilidade de buscar a felicidade, e indagando-o a busca-la de maneira diferente. Apresentando uma felicidade baseada e fundada no eterno, que não passará, pois está alicerçada na amizade com Deus, trazendo-O para sua vida como um amigo próximo. Este amigo o proverá de coisas eternas para suprir o vazio que assombra o interior da pessoa, que é seu fantasma. Portanto, possuir a Deus como amigo, fará já na vida presente, vivenciar a vida feliz. Sem excessos, escutando a voz divina, como Agostinho escutou aquela voz que o fez mudar radicalmente sua vida.

Este trabalho gerou uma possibilidade de revisar, aprofundar e adquirir conhecimentos diversos pelo acadêmico durante o curso de licenciatura em filosofia, atribuindo para sua formação pessoal e profissional. Sendo a vida feliz, também, encontrada no meio da educação, em especial, pelos professores e estudantes. Poderão viver, segundo o pensamento agostiniano, caminhando para aquilo que a voz do divino os interpela. Chamando para trilhar o caminho do desejo da felicidade, no campo da educação. Portanto, abre-se a perspectiva de favorecer, por meio deste trabalho, que a sociedade observe em seu redor aquilo que realmente lhe traz a felicidade. Os prazeres momentâneos, nem sempre contribuem para perceber e encontrar a verdade no cotidiano.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Roberto; SOUZA, Camila Cristina de; PEREIRA, Crislene Silva. O tempo e a eternidade em Santo Agostinho. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas**, Minas Gerais, v.1, n. 2, p.1-22, out. 2012. (PDF)
- BENTO XVI. **Catequese: Santo Agostinho de Hipona**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, p.1-3, 2010. (A SANTA SÉ) (PDF)
- BENTO XVI. **Catequese: Santo Agostinho de Hipona (1)**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, p.1-4, 2008a. (A SANTA SÉ) (PDF)
- BENTO XVI. **Catequese: Santo Agostinho de Hipona (2)**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, p.1-4, 2008b. (A SANTA SÉ) (PDF)
- BENTO XVI. **Catequese: Santo Agostinho de Hipona (3)**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, p.1-4, 2008c. (A SANTA SÉ) (PDF)
- BENTO XVI. **Catequese: Santo Agostinho de Hipona (4)**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, p.1-5, 2008d. (A SANTA SÉ) (PDF)
- BENTO XVI. **Catequese: Santo Agostinho de Hipona (5)**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, p.1-4, 2008e. (A SANTA SÉ) (PDF)
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRANDELLERO, Neuza de Fátima. **De Beata Vita de Santo Agostinho**: uma Reflexão sobre Felicidade. 2006. Mestrado em Filosofia - Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Curitiba, 2006.
- CARNEIRO JR, Renato Augusto. O amor na política: entre Hannah Arendt e Santo Agostinho. **História: Questões e debates**, Curitiba: Editora UFPR, n.46, p. 31-50, 2007. (PDF)
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Santo Agostinho**: um gênio intelectual a serviço da fé. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. (Coleção Filosofia, 91)
- FOSSE, José Gustavo. **Formação da Identidade Humana Dentro da Modernidade Líquida**. 2017. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Teologia Mater Ecclesiae (IFITEME). Ponta Grossa, 2017. (PDF)
- GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**: Romance da história da filosofia. Tradução: João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica: Augustinum Hipponensem**. Tradução: José Wilson Fabrício da Silva, crl. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. p. 1-17. set. 1986.
- JOÃO PAULO II. **“Fides et Ratio”: sobre as relações entre Fé e Razão**. Editora: Paulus. Cidade do Vaticano, 1998. (Carta Encíclica)

MADI, Maria Alexandra Caporale. **A questão da justiça social**: uma leitura de *A Cidade de Deus* de Santo Agostinho. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de São Bento, São Paulo, 2015. (PDF)

SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Tradução: Oscar Paes Leme. 2.v. 9.ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006. (Volume I – Livros I a X) (Coleção pensamento humano)

SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 2.ed. 2.v. Tradução: J. Dias Pereira. Serviço de Educação: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996b. (Volume 1 – Livros I a VIII) (PDF)

SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 2.ed. 2.v. Tradução: J. Dias Pereira. Serviço de Educação: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000a. (Volume 2 – Livros IX a XV) (PDF)

SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 2.ed. 2.v. Tradução: J. Dias Pereira. Serviço de Educação: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000b. (Volume 3 – Livros XVI a XXII) (PDF)

SANTO AGOSTINHO. **A Vida Feliz: Diálogo Filosófico**. Tradução: Ir. Nair Assis Oliveira, csa. São Paulo: Paulinas, 1993.

SANTO AGOSTINHO. **A Trindade**. 4.ed. Tradução: Frei Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus. 2008b. (Coleção Patrística, v. 7)

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução: Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984. (Coleção Patrística)

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira, S.J., e A. Ambrósio de Pina. S.J. São Paulo: Nova Cultural, 1996a. (Coleção Os Pensadores)

SANTO AGOSTINHO. **Diálogo Sobre o Livre Arbítrio**. Edição bilíngue. Tradução: Paula Oliveira e Silva. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Lisboa, Portugal. 2001. (Série Universitária/Clássicos de Filosofia)

SANTOS, Danilo Nobre dos. **A Felicidade e sua Busca**: No de Beata Vita de Santo Agostinho. 2016. Dissertação (Pós-Graduação em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2016. (PDF)

SANTOS, Renato Rodrigues dos. A interioridade e a busca da felicidade nas *Confissões* de Agostinho. **Primeiros Escritos**, São Paulo, n. 8, p. 134-161, 2017. (PDF)

SESÉ, Bernard. **Agostinho, o Convertido**. Tradução: Magno Vilela. São Paulo: Paulinas, 1997. (Coleção Testemunhas. Série: Santos)

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Felicidade: dos filósofos pré-socráticos aos contemporâneos**. Editora: Claridade, São Paulo, 2007. (Coleção Saber de tudo)